



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

RECREIOS POETICOS.

RECREIOS POÉTICOS

POR

Manoel Benicio Fontenelle



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA, rua do Cano n. 165.

1855.

Sempre entendi que o melhor prologo de um livro de poesias é uma pagina em branco. Mas para não sahir este á luz inteiramente fóra da moda, direi por attenção e respeito a essa soberana, ainda que sejão duas palavras.

Estamos no tempo das labutações *materiaes*, permitão-me o termo. Bem sabem ao que alludo. Vir com poesias agora, parece que é não comprehendêr o gosto da época. Sei ; mas não vêem que a flor brota ás vezes também n'um chão de pedra, lá onde o musgo, menos sesstroso, pôde apontar, acamar-se e offcrecer-lhe um leito orvalhado ? Assim é a poesia neste periodo da nossa sociedade.

Agora quanto ao livro em especial. — São reflexos da realidade colorindo, aqui, com raios lividos o pensamento triste do verso ; são alli clarões de esperança recolhidos na meditação e na elegia ; são além sonhos, anhelos, phantasias de matiz vario, de ideal errante e disperso, balançadas nas azas da musa, que se apraz em voar com ellas pelo céu da inspiração.

O Autor.

A ESPERANÇA.

Spes animarum anima.

E' doce a esperança,
Feliz quem espera !
Quem vive de um sonho
Fagueiro e risonho,
Qu'inda mesmo erroneo
Delicias nos gera.

O bem que se espera
Nem sempre se alcança,
Mas inda enganosa
E' doce a esperança.

O triste que em lucta
 Com o fado se vê,
 Se sonha domal-o,
 Da dôr ao abalo
 Resiste, e ao estalo
 Do raio, eil-o em pé !

O bem que se espera
 Nem sempre se alcança,
 Mas inda enganosa
 E' doce a esperança.

Contra o fragil barco
 Quebra-se a onda em flôr ;
 A tormenta berra !
 E o nauta lá erra,
 Sonhando co'a terra
 Das vagas no horror !

O bem que se espera
 Nem sempre se alcança,
 Mas inda enganosa
 E' doce a esperança.

Lá sua o guerreiro
 No campo da gloria !
 No ardor da peleja
 O peito lhe arqueja,
 O sangue golfeja...
 Mas sonha a victoria !

O bem que se espera
 Nem sempre se alcança,
 Mas inda enganosa
 E' doce a esperança.

Por estranhas terras,
 Longe de seu lar,
 Chora o desterrado ;
 Chora o seu máu fado !
 Mas ao solo amado
 Sonha inda voltar.

O bem que se espera
 Nem sempre se alcança,
 Mas inda enganosa
 E' doce a esperança.

Enfermo, prostrado
 Da morte ante o véu,
 Geme o desditoso ;
 O mundo enganoso
 Não deu-lhe um só goso...
 Mas sonha com o céu !

O bem que se espera
 Nem sempre se alcança,
 Mas inda enganosa
 E' doce a esperança.

HYMNO DA MOCIDADE.

Seigneur! est-ce vraiment l'aube qu'on voit éclore ?

VICTOR HUGO

Soldados do futuro nós somos, meus amigos,
 Nós moços de vinte annos, de ardente coração ;
 Nós temos fome e sêde de gloria e de perigos,
 Nós vamos ao combate por propria inspiração.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Não vêdes no horizonte raiar uma luz clara ?
 Não vêdes sobre a terra brilhar depois um sol ?
 Irmãos, é a liberdade que a aurora já prepara
 Do dia da peleja ; depois é o seu pharol !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

A liberdade, amigos, resume nos seus dotes
 Os bens todos que á patria podemos desejar ;
 Os povos, se são livres, são justos, bons e fortes ;
 E o povo que é de escravos, que bens ha-de gosar ?

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Ser livre, irmãos, não creia se (ao menos eu não creio)
 Que é só ter as mãos soltas de todo o jugo ; não !
 Ser livre é melhor cousa ! não só não soffrer freio,
 Mas ter tambem conr os pulsos folgado o coração.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Do coração, amigos, mais vale a independencia
 Que a paz de nossos pulsos. Que innumeros grilhões
 Não ha por ahí lançados em mais d'uma existencia,
 Nos pulsos não, mil vezes peior; nos corações !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Nos corações quão rara vê-se hoje a independencia !
 Tudo anda a escravisa-los. O oiro corruptor
 Captivos traz os peitos de muitos, oh ! demencia !
 Que atraç de vis int'resses o bem perdem maior.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valér.

O oiro endeosado fascina a sociedade,
 O oiro, irmãos, domina sem regra e com furor ;
 Aqui calca as virtudes, alli planta a maldade,
 Além mancha a alliança que ornar devêra o amor.

Soldados dô futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

O oiro ! E' a lei suprema do mundo. O rico a segue,
 Porque arde em sêde... em sêde de mais enthesoitar ;
 E o pobre, se dos ricos a mão dura o persegue,
 Lá vai sua virtude do oiro aos pés lançar.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

O forte n'outros tempos, sabcís, era quem tinha
 Mais rijo braço ou clava de mór peso e extensão ;
 Mas hoje é o que mais oiro no avaro cofre aninha,
 Que o oiro é a maça e os ricos d'agora os Hercules são.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Se á força dôida e bruta não deve entre homens dar-se
 O imperio, que partilha sómente é da razão,
 Tambem o oiro, o oiro da paz sob o disfarce,
 E' forçainda mais louca ! mas dão-lhe adoração.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Quando insta a fome, o pobre lá vae pedir esmolas,
 O pobre que o trabalho pudéra enriquecer ;
 E o rico diz-lhe :— Toma, mas vê que já te arrolas
 Na lista dos meus servos — ; e servo o vil vac ser !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Lá vae o des valido da sorte, embora activo,
 Pedir ao opulento remedio ao seu soffrer ;
 Lá ouve esta resposta : — Que queres ? Sê captivo,
 Senão, sê livre e morre !—Mas bello é assim morrer !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Morrer mais val' que á vida d'escravo sujeitar-se.
 E escravo do oiro, do oiro cruel quando é senhor !
 Se o homem por tal monstro deixou escravizar-se,
 O crime é a sua tarefa, sua paga um pão de horror !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro ,
 Deus ha-de nos valer.

Bemdito o homem qu' embora lutando co'a indigencia,
 Cavando em solo ingrato sem nunca um fructo haurir,
 Mostrar sabe comtudo, do oiro ante a exigencia,
 Que da honra a aspera senda prefere,inda seguir.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Mas o oiro catanto reina ! e o vicio é seu ministro,
 E os homens bons succumbem á mingua d'agua e pão.
 Amaldiçoad o aquelle que te ama, oiro sinistro,
 Se ao merito e á virtude não dás amigo a mão !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

O oiro reina ; e os peitos dos homens são escravos,
 E as mãos embora soltas, escravas são tambem :
 Se o oiro ordena : — Faze ! — lá vão servis, ignavos,
 Os corações mandando que as mãos o cumprão bem.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Ah ! quem pudesse o idolo em seu altar impuro
 Ferir com mão segura, por terra o derribar ;
 Quebrar idolo e aras, em honra do futuro !
 E altares á virtude sómente levantar.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

E a serpe do egoismo que em tanta alma se aninha !
 Que d'alma os seios baba com o fel de más accões ;
 Que os vôos generosos nas almas amesquinha, .
 Que ao bem cercêa as azas nos frios corações !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

O egoismo ! O homem, por elle, a essencia d' homem
 Desmente quase ! Os laços de sociedade e amor
 Dissolvem-se. As sementes do bem todas se somem !
 E o mal cav'entr'os homens um cáho de treva e horror.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Ah ! quem pudesse a serpe fatal lançar das almas !
 Verter d'alma nos seios o philtro bom do amor ;
 Matar n'alma o egoismo ; plantar do amor as palmas
 Nos corações ; regal-as , fazel-as brotar flôr !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Então o homem, que escravo jazia de si proprio,
 (Que o egoista, livre não tem o coração)
 Rompendo os véus que encobrem-lhe o seu interno opprobrio,
 Surgira livre e digno de amor e de benção.

Soldados do futuro!.
 Nós vamos combater;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

E o que inda mais que tudo transtorna a sociedade,
 De mando a ardente sêde que em todos lavra ! Mil
 Contendem por um pomo. Que pomo? a autoridade,
 A causa, oh! dôr! constante de guerra e odio civil.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Civil odio; qual fogo lavrando em sêcas lenhas,
 Nos peitos resecados ao sopro da ambição
 Arde; e entre os golpes duros que irmãos com mãos ferrenhas
 Dão-se uns nos outros, geme da patria o coração !

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Da patria o peito geme, nos transes por que passa ;
 Vê filhos braço a braço com filhos; vê o horror
 Das luctas fratricidas; vê fel na horrenda taça,
 Vê sangue, e o irmão vencido traga-la ao vencedor.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Oh ! patria, quando no intimo os filhos teus, unidos,
 De amor por ti sentindo server o coração,
 Dirão : Entre nós cessem, cessem os máus partidos,
 Reine a concordia, e gere venturas á nação ?

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer.

Venturas ! como é bello querê-las para um povo !
 Como é mais bello ainda por ellas trabalhar !
 Da patria no serviço quem vive, um nome novo
 Recolhe que inda ávante da morte ha-de durar.

Soldados do futuro !
 Nós vamos combater ;
 Se o fado fôr escuro,
 Deus ha-de nos valer .

Tomemos pois nos braços, irmãos, nossa bandeira,
Ao campo, eia, com ella corramos do porvir,
Gravemos nella : Patria, bem, gloria brasileira !
E ávanté, ó mocidade disposta a bem servir !

Soldados do futuro !
Nós vaines combater ;
Se o fado fôr escuro,
Deus ha-de nos valer !

A ROSA E O BEIJAFLOR.

Amabilis, non amata, et non amandum amans.

Um dia
Ao volatil beijaflor
Dizia
A rosa, cheia de dor :
« Amor !
Porque assim foges de mim ?
Da flor
Que te ama ? Porque has-de assim,
Cruel,
Deixar-me sempre a scismar
Qu'insiel
Vaes-me ser n'outro logar ?

E á rosa ,
 A' rosa que assim dizia
 Queixosa,
 O beijaflor respondia :
 « Não via,
 Não via teu prompto amor
 Que um dia
 Dura o amor do beijaflor ?
 Que queres ?
 Fez-me assim a natureza :
 Prazeres
 Já não acho em tua belleza. »

E a rosa,
 A rosa cheia de dôr,
 Queixosa
 Replicava ao beijaflor :
 « Traidor !
 Não vias que era fiel
 A flôr ?
 Porque a enganaste, cruel ?
 Tambem,
 De teu amor com a leveza,
 Quiz bem
 Mau fazer-te a natureza ? »

E á queixa,
 A' queixa da pobre flor :
 « Me deixa !

Me deixa com meu amor
 E dor,
 Flor que amei, que já não amo !
 Melhor
 Acho outra, por que me inflammo :
 Os céus,
 Os céus fizerão-me assim :
 Adeus,
 Adeus flor, que deixo emfim. »

E assim,
 Com tão dura ingratidão,
 Dá fim
 O beijaflor á união
 Que em vão
 Quer a rosa conservar :
 Que acção !
 Sua amante atraiçoar !
 Traidor !
 Não te pejas da desgraça ?
 Que horror !
 Ser infiel por natureza !



ANTE A SERRA DOS ORGÃOS.

Perpetuum carmen,

Por sobre os altos cumes da extensa serrania
Poz Deus, como amplo pallio de extrema bizarria,
Perpetuo nevoeiro de puro azul-turqui ;
E sob a umbella ingente mandou que a Poesia,
Sentada em verde throno de eterna louçania,
Cantasse, e eternos hymnos soar fizesse alli.

E deu por harpa á virgem a propria Natureza.
E n'harpa de mil cordas pousando com destreza
A mão abençoada de puro cherubim,
Ao céu erguendo o rosto de angelica belleza,
Cantou a meiga virgem, com graça e singeleza,
Seu cantico inspirado, que assiduo ouve-se assim :

« Por sobre os altos cumes
 · Da extensa serrania,
 « Senhor, vôão perfumes,
 · Perfumes de mil flores
 · Que a terra aos céus envia :
 « Se as flores vos incensão,
 Vos canta a Poesia !

« Como amplo pallio as nuvens
 « De bello azul-turqui
 Derramão-se nos montes ;
 « De azul c'rôão-se as frontes
 · Das arvores aqui :
 « Senhor, a Poesia
 Vê vossa gloria ahi !

No azul dos nevocairos
 Lè ella o vosso nome,
 « Em traços que do tempo
 Não risca, nem consome,
 « Nem toca a ousada mão ;
 « Lè sempre DEUS ! no centro
 « Da bella cerração.

« Quando ergue o sol a fronte,
 « Envolta em aureos véus,
 « Saúdo-o no horizonte
 · Sublime rei dos céus :
 « Saúdo-o rei magnifico !
 « Mas sobre o seu diadema
 « Vos beijo os pés, meu Deus !

« A' noite, quando o espaço
 « De mundos se semeia,
 Quando entre esses mil mundos
 « Myst'rioso ser vagucia,
 « Que os enche e orna de luz;
 « Senhor, é o vosso dedo
 « Que os mundos mil conduz !

« A noite, o dia, os astros,
 « A terra unida aos céus,
 « Senhor, a cada instante
 « Proclamão : DEUS ! Sim, DEUS !
 « A cada instante sôa,
 « É a Poesia o echôa
 « Tambem nos cantos seus.

* Da terra sobe o incenso,
 « Dos céus une-se á luz,
 « E o sol no scio immenso
 « — Divino sacerdote
 « Envolto na opa esplendida—
 « O incenso, a luz, e os canticos
 « Que entôo, vos conduz !»



A ESMOLA.

NO ALBUM DA EXM. SRA. D. CARLOTA J. DA C. DIAS.

Donnez! il vient un jour où la terre nous laisse,
Vos aumônes là haut vous font une richesse.

VICTOR HUGO

I.

Passava um dia na rua
Uma misera orfanzinha ;
Rotos trajes, quase nua,.
Pés descalços ella vinha.

Era uma bella criança !
Doze annos teria ao mais ;
De seus paes era a esperança,
Mas cêdo ficou sem paes.

E seus paes morrerão pobres ;
 E ella mais pobre ficou :
 Só o exemplo de acções nobres
 Por legado lhe restou.

Acções nobres ! bello espelho
 Em que um filho vê seus paes ;
 Digno objecto de assemelho
 Aos corações filiaes :

Mas ao pobre quanto custa
 Ser constante na virtude !
 Se a fome sempre o assusta,
 Se a esperança sempre o illude !

Foi o pae, com sacrificio,
 Virtuoso até morrer ?
 Soffreu do mundo o suppicio,
 Sem nunca da honra ceder ?

Fez bem ! ao martyr Deus ama,
 Ao martyr de sua lei ;
 E depois a si o chama ,
 E diz-lhe : « Em premio eu te amei ! »

Fez bem ! de Deus o amor, premio
 Vae por fim no céu lhe ser ;
 Vae de Deus gosar no gremio
 Vida eterna de prazer :

Fez bem ! — mas essa coragem,
 Esse alto heroísmo d'alma,
 Tê-lo-á sua linhagem,
 Para alcançar igual palma ?

Tambem a tempéra forte
 Passa aos filhos por herança ?
 Ou nos paes a extingue a morte,
 Sem no filho haver mudança ?

Fica sómente a lição ,
 O exemplo paternal ,
 Ou do pae o coração
 Passa ao peito filial ?

Não, não passa ! — a lição fica ,
 Mas o coração morre .
 A lição o bem indica ,
 Mas o filho é qual nasceu .

A lição té mesmo o anima
 E entusiasma para o bem ;
 Mas que val, se o não arrima
 À natureza também ?

Se a natureza fôr fraca ?
 Se á mão do mal succumbir ?
 Se a fome á virtude ataca ,
 Se o vicio a vem seduzir ?

Triste condição humana !
 Exemplos, lições de paes,
 Tudo então a mão tyranna
 Do mal apaga e desfaz.

Deve ser ferrea a virtude,
 Para ao mal se não dobrar,
 Quando a esperança a illude,
 E a fome a vem assustar !

Mas a virtude é de ferro
 Em todos os corações ?
 Não são sujeitos ao erro,
 Expostos a tentações ?

Não tem o erro mil laços,
 A tentação mil engodos,
 Com que do mal entre os braços
 Procura lançar-nos todos ?

E mais do que tudo — a fome,
 O continuo padecer,
 A energia não consome
 D' alma ? ha-de ella sempre a ter ?

São todos Jobs na paciencia,
 Na insinda resignação ?
 Das dores sob a inclemencia,
 Sempre a Deus fieis serão ?

Tem força o exemplo, por certo,
 Pôde as almas conquistar ;
 Mas o seu triumpho é incerto,
 Se a indole o não ajudar.

Por isso, a triste menina,
 Que sem paes, pobre ficou,
 Sabe Deus qual sua sina,
 Embora o exemplo que achou !

E ella passava na rua,
 Passava orfan mesquinha,
 Rotos trajes, quase nua,
 Pés descalços, coitadinha !

Passava, — e de porta em porta
 Uma esmola supplicava ;
 Uma esmola ! vinha morta
 De fome ; — e ao pedir, chorava.

Chorava de vergonhosa,
 Que o pedir vergonha faz,
 Vergonha tão dolorosa,
 Que a alma em lagrimas desfaz.

E era uma bella criança !
 Doze annos teria, ou mais ;
 De seus paes fôra a esperança,
 Mas cêdo ficou sem paes.

Sabe Deus qual sua sina !
 Inda ninguem a amparou.
 Deus vele sobre a menina,
 Que sem paes, pobre ficou !

II

Era uma caza de nobre,
 - Nella o prazer
 Reinava. Ao passar, o pobre
 Punha-se a ver :

Via atravez das vidraças,
 Que resplendião,
 Da fortuna os dons, as graças,
 Que outros fruião.

Via, — e o rosto immerso em pranto,
 Baixo fallava :
 « Céus ! quando outros gosão tanto,
 « Pranto me lava !

« Quando a outros tanto sobra,
 « Tudo a mim falta !
 « Minh'alma ante a dòr se dobra,
 « Ninguem a exalta !

« Meu Deus ! que sorte a do pobre !
 « Pois não é irmão
 « Do rico ? — e porque o não cobre
 « Tambem tua mão ?

« Porque não chovem sobre elle
 « Os mesmos dons
 « Que derramaes sobre aquelle,
 « Céus justos, bons ?

« Do pobre a vida se escôa
 « No padecer,
 « E a vida do rico vôa
 « Só no prazer.

« São ambas breves, porém
 « Uma é só fel,
 « Enquanto que a outra tem
 « Sabor de mel.

« São ambas vidas mui breves,
 « Porém ao pobre
 « Dias pesados, — e leves
 « Ao rico, ao nobre.

« São ambas mui curtas vidas,
 « Porém a morte
 « Leva de uma — horas doridas,
 « De outra — aurea sorte.

« São ambas breves, mas de uma
 « Cáe negra féz,
 « E da outra, candida espuma,
 « Da morte aos pés.

« Meu Deus ! que sorte a do pobre !
 « Vive a morrer ;
 « Em quanto que ao rico, ao nobre
 « Sobra o prazer. »

Dest'arte, baixo fallava
 Na rua o pobre,
 Quando por junto passava
 Do lar do nobre.

Quando atravez das vidraças
 Seus olhos vião
 Da fortuna os dons, as graças
 Que outros fruião.

Depois, o pranto enxugando,
 Batia á porta,
 E uma esmola supplicando :
 « Dae-m'a ! Que importa

« A quem tanto oiro e pão tem
 « Uma migalha
 « Dar ao pobre, e algum vintem
 « Que n'ancia o yalha ?

« Dae-m'a ! Sois rico, bem vejo,
 « Sede tambem
 « Caridoso e bemfazejo,
 « Dae-me um vintem !

« Um vintem ao pobre basta,
 « Não morrerá
 « De fome. E o rico bem gasta,
 « Se esmolas dá.»

Assim á porta do nobre,
 :
 Rico senhor,
 Pedia com fome o pobre.
 « Da fome a dôr

« Nunca sentistes, por certo,
 « Sois bem feliz.
 « Mas de vós tendes bem perto
 Quem ál vos diz.

« Quem vos diz que mesmo agora
 « A dôr da fome
 « As entranhas lhe devora,
 « Todo o consome !

« Dae, senhor, a quem vos pede
 « Em tanta dôr,
 « Uma esmola, que lhe arrede
 « Da morte o horror ! »

E de fome extenuado,
 Perdendo a voz,
 Cae no chão Reanimado:
 « Oh ! morte atroz !

Clama, « a morte e os seus horrores
 « Tenho diante,
 « Por falta de um pão, que as dòres
 « Finde n'um instante !

« Por falta de um pão, e onde ?
 « Onde tanto ha !
 « Meu Deus ! é tua mão que o esconde,
 « Que m'o não dá ?

« São meus enormes peccados
 « Que assim o merecem ?
 « Forão meus actos culpados,
 « E não te esquecem,

« Dás-lhes hoje a punição,
 « Inda maior
 « Do que essa assidua afflicção
 « Da vida ? — A dòr

« Ha sempre enchido os meus dias ;
 « Porém bastante
 « Não era ainda ? Agonias
 « D'ultimo instante

« Preparava assim mais fundas,
 « Para punir-me,
 « Tua justiça, e vem iracundas
 « Tuas mãos ferir-me ?

« Meu Deus ! perdão, se fui louco,
 « Se te offendí !
 « Te offendí, sim, e não pouco,
 « Pois que vivi.

« É a vida um montão de erros ;
 « Treme a razão,
 « Quando da morte ante os ferros
 « Foge a illusão.

« Fui louco, Senhor, castiga !
 « Faz-me morrer ;
 « Mas na outra vida me abriga,
 « Grande e bom Ser !

« Hei vivido e morro afflito,
 « Porque pequei ;
 « Mas a ti subo contrito,
 « Clamando : Errei !

« Errei, Senhor, e fui louco,
 « Pois te offendí ;
 « E no mundo inda foi pouco
 « O que soffri

« Para expiar meus delirios !
 « Porém nos céus
 « Findem, Senhor, meus martyrios,
 « Pois que és bom Deus. »

E de noçõe esmorecendo,
 Torna a cahir,
 E á mão da morte cedendo,
 Deixa iuda ouvir

Em voz confusa e sumida :
 « Meu Deus, perdão !
 Para mim, e a mão que olvida'
 « Tua lição :

« Tu aos homens ensinaste :
 « —Dae de comer
 « Aos que tem fome !—e notaste
 « O meu soffrer,

« E viste como uma esmola
 « Se me negou !
 « Meu corpo convulso rola
 « Morrendo estou

« Meu Deus, perdão para o pobre,
 « Se te offendeu ;
 « Perdão para o rico nobre,
 « Que te esqueceu. »

E a voz de todo perdendo,
 E o alento e a cõr,
 Foi o pobre homem morrendo
 De fome e dôr.

Morreu á mingua de pão,
Do rico á porta !
Ao rico sem compaixão,
Isso que importa ?

Elle ouviu do pobre os ais,
Mas desprezou-os ;
E os seus gemidos finaes,
Nem escutou-os.

III.

Era uma nobre senhora,
Uma alma candida e boa :
Onde a voz das dores sôa,
Ella ahi vae protectora.

Viu na rua a orfãzinha,
Chamou-a para seu lar :
Soube da sorte mesquinha
Do pobre, — o fez sepultar.

IV.

Era n'um dia festivo,
O povo reunido estava ;
O povo, de homens mar vivo,
Que em ondas lá se agitava !

O povo,— plebêus e nobres,
Fraqueza ao pé do poder ;
O povo,— ricos e pobres,
Goso ao lado do soffrer !

E quando um rico passava,
 O pobre para elle olhando,
 Nos olhos denunciava
 O que delle ia pensando.

Eis que passa aquelle nobre
 Em cuja porta expirára
 De some o misero pobre.
 « Vae-te, ó alma negra e avara !

« Vae-te daqui, vil demonio !
 Clama a turba ; « o oiro que tens,
 Da avareza é patrimonio,
 Ao pobre só dás desdens !

E depois passa aquelle ente,
 Aquella mulher - archanjo,
 Que a orfan beijou contente,
 Que a amparou... « Vem tu, ó anjo !

« Mulher de bom coração !
 Tu sim, és nossa ventura :
 Deus nos dá por tua mão
 Que esmola! pão e ternura. »

E a orfan tambem dizia :
 « Minha mãe, bendicta sejas !
 Sem ti, de mim que seria ?
 Sem ti, que agora me beijas ? »

E o pobre tambem nos céus
 Supplicava a Deus ventura
 Para quem aos restos seus
 Déra outr'ora sepultura.

V.

Assim, ao rico avarento
 Dos homens a maldição,
 E de Deus, por complemento,
 N' outra vida a punição.

Deus disse: « Ama o teu igual,
 Faze bem ao teu irmão. »
 O avaro nunca fez tal,
 Só amou do oiro o caixão.

Porém aquella alma boa,
 Que onde quer que soffra alguem
 Para lá rapida vôa,
 Sempre prompta a fazer bem,

Essa os homens a bemdizem,
 A essa — sua gratidão ;
 E quando a não mais divisem,
 É que a alçou de Deus a mão.



A ABELHA E A BORBOLETA.

(IMITADO DO FRANCEZ.)

A diligente abelha,
Dêsd'a manhã,
Sobre a rosa vermelha,
Pura e louçã,
Lida ; e dês-que aparelha,
Com tanto afã,
Mel que nectar semelha,
Vae folgazã
Do inverno aborridiço,
Fechada em seu cortiço,
Passar a quadra em brodio
Com sua irmã.

A borboleta vaga,
 Nos bellos dias,
 De flôr em flôr divaga,
 Busca alegrias
 Das flores na côn maga,
 Nas louçanias
 Do sol que o prado alaga :
 Vive em folias
 N'aurea estação : finda esta,
 Já não revôa em festa,
 Já vem pousar-lhe a morte
 Nas azas frias.

Temamos pois a sorte
 Da borboleta :
 Por que não venha a morte
 Co'a dura séta
 Ferir-nos, quando forte
 A vida enceta,
 Marquemos ao transpôrte
 Do goso a méta.
 Precisa : e trabalhemos !
 Assim vida teremos
 Feliz, como a da abelha ,
 Que inveja metta !

O POETA.

Ce n'est qu'à travers les nuages
Qu'il prend son vol vers le soleil.

VICTOR HUGO.

Que vale ser poeta ? Do mundo o prosaismo
Afoga a flor nascente da poesia. A flor
Desponta em solo ingrato, vem dar com o servilismo,
Com o crime, co'a blasfemia plantados ao redor ;
E cêdo ou desparece, sorvida pelo abysmo
Da corrupção, ou escapa, mas sobre um chão de horror !

Que vale ser poeta ? Camões no seu desterro,
Chorando os desamores crueis do paiz seu,
De gloria inda um moimento, do amor sempre no aferro,
Do amor por sua patria, que tanto o ennobreceu,
Erguia-lhe ; e esse livro, no qual só vê-se um erro,
O de inda amar a ingratos ! que bem lhe mereceu ?

Morrer entre as misérias de um hospital !—Ferrara !
 Tu foste o ninho da aguia que a Italia toda viu
 Subir tão alto : a Italia notou-lhe a força rara ,
 Os vôos arrojados : quando a aguia assim subiu,
 A Italia olhou . sua gloria nas azas a aguia alçara !
 Mas foste ninho e carcere, e Tasso succumbiu.

Já d'antes conta a historia que nessa Grecia antiga ,
 Onde era mais do que hoje do bem seguida a lei ,
 Onde homens de outra tempera, estirpe heroica, e amiga
 Da gloria, á gloria ião por trilhos que não sei ,
 De porta em porta quase se viu com mão mendiga .
 Andar o grande Homero, — Homero o poeta rei !

Que val, pois, ser poeta ? Se o mundo o não compr'hende ,
 Ou se o compr'hende apenas para entrega-lo á dor ?
 Se é nescio, e de teus cantos, ó vate, nada entende ,
 Ou se acha mesmo justo que assim soffra o cantor ?
 Não, justo elle o não acha ! someate o que pretende
 E' do poeta aos hymnos prestar menos valor .

Os hymnos do poeta te affligem, louco mundo !
 Poetas não combinão com o teu falso viver :
 Enxergão-te qual gólfão de corrupção profundo ,
 Não podem nos seus cantos encomios te tecer .
 De Deus são missionarios ! do abysmo antes ao fundo
 Irão, do que traidores á sua missão ser .

Poetas são arautos do Rei que aos reis impera !
Poetas apregão do Eterno Rei a lei.
Se o mundo, esquivo a ouvi-la, com mão violenta e serra
Repelle o pregoeiro, clama este ante o seu Rei :
« Senhor, o mundo é ingrato ! » Mas Deus lhe diz : « Espera !
» Se o mundo te repelle, nos céus te abraçarei. »

Ah ! vale ser poeta ! Camões e Tasso e Homero,
E quantos entre dores viyerão a cantar,
A cada amargo calix dizendo sempre : Quero !
E em paga uma harmonia por cada gota a dar,
Se o mundo ingrato e louco com elles foi severo,
Deus que ama ó poeta, o martyr, no céu os ha-de amar !

AVE !**À POESIA.**

Poesia ! Ente bello e puro e sancto,
Mas vago, mysterioso e indefinivel ,
Como de Deus maravilhosa imagem
Da Creação no seio reflectida !

Graça, esplendor da Natureza ! Centro
De todo o encanto que ella em si ostenta !
Iris onde suas còres se desenhão,
Astro onde os raios de sua luz se embebem,
E a cujo seio os seus perfumes vôão
Por magica attracção, e em cuja esphera
De seus concertos a harmonia echôa !

Maravilha que a terra e o céu percorres,
 Que entre os primores divagando de ambos,
 Em torno a ti os agglomeras todos,
 Iman do bello, do que é puro e sancto !

Tu, Poesia, que dos céus, da terra
 Por entre os varios portentosos quadros,
 Tão bellos ! que das mãos do Eterno Artifice
 A inexhaurivel sapiencia attestão,
 Alma, expressão, vida, energia és delles !

Meiga, gentil, encantadora virgem,
 De aéreos traços, vaporosas formas,
 Filha de Deus, transumpto, imagem d' Elle,
 Que nas azas dos sonhos balançada,
 Envolta em vestes candidas, divagas
 Por esse vario e immenso
 Vergel de mil aspectos, que Elle deu-te
 De Creação com o nome !

Tu que da flòr o embalsamado effluvio
 Respiras ; que das nuvens o oiro e a purpura
 Vestes ; que em véus de transparente orvalho
 Te envolves ; que dos astros nos fulgores
 Toda te inundas ; que do Sol aos raios
 Alegre ris ; que ante o clarão da Lua
 Archanjo da saudade te afiguras !

Tu que da Aurora nos jardins passeias
Alegre e festival, talvez colhendo
Do amor as rosas que por lá vicejão ;
Que ao descahir da tarde te entristeces,
Porque as rosas do amor vão já murchando ;
E á noite, em lucto e lagriinosa, as flores
Em sôrma de grinaldâ entretecidas,
Da fronte co'a mão tremula tirando-as,
Rorejadas de pranto vaes piedosa
Do dia sobre o tumulo inda tepido
Desfolhar entrê preces, qual sentida
Erma e saudosa, enviuvada amante !

Tu que das aves no gorgeio vario,
No sussurro das folhas tremulantes,
Da brisa nos suspiros, no murmurio
Das fontes, e do vento no arruido,
E no bramir dos mares, e na eterna
Harmonia dos orbes te balanças !
E tambem nessaas notas, que ora ledas,
Ora tristes e funebres se exhalão
Do humano coração, como de uma harpa
Viva, que por si mesma sóa, emquanto
Sobre ella a Eterna Mão que a fabricára
Pousando, as cordas não lhe arranca, e os restos
De um tum'lo sobre a lapida não quebra !
Tu, Poesia, salve ! salve ! salve !

SONHOS DE AMOR.

Quien no ama no vive.

Amor! são teus sonhos de ephemero encanto,
No entanto — quem deixa de nelles ter fé?
Do mundo elles reinão em todo o recanto,
Porquanto — sem elles o mundo o que é?

Amor! sem teus sonhos que abysmo profundo
O mundo — se mostra de trevas e horrores!
Teus sonhos o tornão em valle jucundo,
O fundo — lhe enchendo de luz e de flores.

Amor ! com teus sonhos a outros deleitas,
Enfeitas — para outros de flores o mundo,
Só de outros as preces te são bem acceitas,
Regeitas — as minhas do peito no fundo !

Pois sempre os teus sonhos de mim vão fugindo,
Punindo-me — acaso de nelles ter fé !
E eu vou, sem elles, no abysmo cahindo
Infindo — que o mundo sem elles só é !

Amor ! neste abysmo terrivel, medonho,
Um sonho — somente me désses dos teus !
Feliz então fôra ! que um teu meigo sonho
Risonho — este abysmo trocára-me em céus !

O SABIÁ.

Laus Deo.

Sabiá, quem deu-te o canto,
Terno canto, ao pôr do sol ?
Das matas o verde manto
Doira da tarde o arrebol.
Sabiá, que diz teu canto,
Terno canto, ao pôr do sol ?

— Deu-me o cantico saudoso
Quem ao sol manda se pôr.
Diz meu canto harmonioso :
« Gloria ! gloria ao Creador,
« Que me faz cantar saudoso
« Quando o sol vae a se pôr ! »

AS DUAS FLORES.

NO ALBUM DA EXM. SRA. D. AMALIA G. DE O. COUTINHO.

Da campina entre os verdores
Duas flores
Mui bellas — juntas vivião ;
Em tudo o mais semelhantes,
Discordantes
Só n'um ponto ellas se vião :

Tinhão desigual riqueza,
 Só lindeza
 Uma dellas possuia,
 E a outra, tanto era linda,
 Como ainda
 Grato aroma rescendia.

Da campina entre os verdores
 Essas flores
 Um dia acaso avistou
 Um beijaflor, e de vê-las
 Assim bellas
 Logo encantado ficou.

Ei-lo que a ambas corteja,
 Cerca e beija
 Ora a uma, ora a outra flôr,
 Té que, ao fim do devaneio,
 Uma veio
 A escolher p'ra seu amor.

Apezar de que ambas ellas
 Erão bellas,
 Na escolha não hesitou ;
 A que perfume espargia
 Mais valia,
 Dessa pois se enamorou.

Vê o que este conto ensina :
A campina
Era o mundo, o beijaflor
Um mancebo, e uma donzella
Meiga e bella
Era tambem cada flôr.

Esse aroma que a ditosa
Flôr cheirosa
Tão suave rescendia,
Era da virtude o encanto ;
Vê, portanto,
Qual da virtude a valia !

O SOL DE AMANHAN.

Prudens futuri temporis exitum
Caliginosam nocte premit Deus,
Ridetque si mortalis ultra
Fas trepidat.

HORAT.

Hoje toda se arreia a Natureza,
Toda se mostra fulgida e louçan ;
Amanhan que será de seus encantos,
Que virás encontrar, Sol de amanhan ?

O céu hoje de azul todo se tinge,
Todo se borda de aurea filagran ;
Amanhan qual será do céu o aspecto,
Em que céu nascerás, Sol de amanhan ?

A terra hoje se veste de verdura,
 Corôa-se de flores folgazan ;
 Amanhan quaeſ suas vestes, qual sua c'rôa ?
 De que modo a verás, Sol de amanhan ?

O mar hoje do céu é irmão na pompa,
 - A terra hoje o perfuma como irman ;
 Amanhan que será do rhei das aguas,
 Que será, rhei do céu, Sol de amanhan ?

Que será tambem do homem, desse altivo
 Rei das cidades? Que será do afan
 Com que elle agora no seu carro esplendido
 A encontrar-te já vae, Sol de amanhan ?

Ah ! entre hòje e amanhān levanta a Noite
 O seu muro de sombras ! Louca e van
 E' a mão que tenta penetrar tal muro !
 Só tu o romperás, Sol de amanhan !

Só tu ? Quem sabe ! A noite quantas vezes
 Toma o espaço do dia ! Mais que van
 E' a voz que diz: « A Noite ha tantas horas,
 Depois tu brilharás, Sol de amanhan ! »

Quantas vezes o Sol em vão se espera !
 Quantas não tenta com perdido afan
 Rasgar da Noite os renovados crepes !
 Deus sabe o que será, Sol de amanhan !

Gyra a esperança no vazio espaço,
 Qual sombra frôxa que em planicie chan
 Revða e esvae-se na amplidão deserta !
 Deus sabe o que ella é, Sol de amanhan !

Depois que a Noite completar suas horas,
 Suas horas, como o diz a turba van,
 Deus sabe o tempo que inda apoz lhe outorga
 Para a luz te abafar, Sol de amanhan !

Teu berço de ouro no Oriente,
 Teu berço mais resulgente
 Que o da Lua tua irman,
 Deus sabe a névoa que o espera !
 E então a Noite é que impera,
 E não tu, Sol de amanhan !

Se a Noite as azas estende
 Sobre a terra que resplende
 Aos raios do Sol louçan,
 Deus sabe até quando as trevas
 Hão-de a cobrir, sem que devas
 Mostrar-te, Sol de amanhan !

Esta esplendida Natura,
 Que sorri-se á creatura
 Melhor — a não ser tão van,
 Deus sabe quando sobre ella,
 Qual sobre esta, ha-de a procella
 Estrondar, Sol de amanhan !

O throno em que vês se assenta
 Orgulhoso, e a alma sedenta
 De incenso que a faz mais van,
 Esse verme-rêi, o homem !
 Deus sabe o instante em que o someim
 Vis sopros, Sol de amanhan !

Se a hora está longe ou perto,
 Em que o multiplo concerto
 De vozes, o ardor, o áfan,
 Tudo aqui se desvaneça,
 Deus sabe-o ! não a cabeça
 Do homem, Sol de amanhan !

Se hoje, amanhan, ou mais logo
 Do prazer se extingue o fogo
 N'alma do prazer irman ,
 Se sobre o leito de flores
 Cahe o phantasma das dores,
 Deus sabe, Sol de amanhan !

Se amanhan é tudo fumo,
 Se o baixel perdeu seu rumo,
 Se murchou a flôr louçan,
 Se estinguio-se a luz da estrella,
 Se a vida perdeu-se bella,
 Deus sabe, Sol de amanhan !

Deus sabe ! A duvida é funda,
 É um mar que nos circumda,
 E onde com futil afan
 Lançamos continuo a sonda,
 A ver o que vem... mas da onda
 Sahes hoje, Sol de amanhan ?

Não sahes ! E sabe Deus se mesmo as horas
 De amanhan te pertencem ! Se óca e van
 Não é a voz que no poente diz-te :
 Por doze horas, adeus, Sol de amanhan ! »

O homem se agita e cansa
 Em ir apoz da esperança...
 A esperança é toda van,
 Se olvida os nutos divinos !
 Se de hoje em seus ebrios hymnos
 Já canta o Sol de amanhan !

Pendido sobre o futuro,
 Abysmo nublado, escuro,
 Que lè o homem ? Perde o afan.
 Só Deus sabe o que ha-de vir-nos !
 Se mesmo, para sorrir-nos,
 Nos verás, Sol de amanhan !



GRINALDA DE MOÇA.

Na fronte de uma criança
Convém dos lirios o alvor,
Eia pois, ó Musa, entraça
 Com primor
Uma capella de lirios
Para a fronte da criança.

Não assim, Musa, co'a fronte
Da donzellinha gentil,
De quem não sei se te conte
 Todo o ardil !
De rosas tece e bem vivas
A grinalda de sua fronte !



BELLO AMOR.

Une colombe et moi.

VICTOR HUGO.

Quando tu scismas á tardinha, ó virgem,
Olhando para o céu,
Em que é que scismas? que aureo sonho embala
O pensameuto teu?

Assim á bella virgem
Perguntei eu,
Mas ella, distrahida,
Não respondeu.

Acaso enlevão-se os teus olhos puros
 No puro azul dos céus,
 Em quanto a mente, além dos céus, mais pura
 Vôa a enlevar-se em Deus?

Assim de novo á virgem
 Perguntei eu,
 Mas ella, distrahida,
 Não respondeu.

Ou vão teus olhos apoz da alma, afflita
 Dos males que aqui vê,
 Pedir com ella, aos pés de Deus, que allivio
 A quantos soffrem dê?

Assim ainda á virgem
 Perguntei eu,
 Mas ella, distrahida,
 Não respondeu.

Ah ! sei ; teus olhos que de amor se ameigão,
 Não vendo aqui amor,
 Buscão nos céus uma alma irmã da tua,
 Que sinta igual ardor ?

Assim por fim á virgem
 Perguntei eu,
 Mas ella... apenas riu-se,
 Não respondeu.

Oh! porque riste? Se em teu riso, ó virgem,
 Posso eu achar amor,
 Torna a sorrir-me! que acharás nesta alma
 Por ti perpetuo ardor.

Assim á bella virgem
 Dizia eu,
 Quando ella, outra vez rindo,
 Me respondeu:

— È bello o' amor que assim começa! Eterno
 Seja este amor, juremos!
 E pois que Deus no-lo mандou, como azas
 P'ra voar ao céu, voemos! —

Assim me disse a virgem,
 Assim jurámos, e eu
 Do nosso amor nas azas
 Voei com ella ao céu!



CAROLINA.

Virgo fidelis.

O' bella Carolina ! tu que és tão feiticeira,
Tu que entre as mais donzelas a palma de primeira
Costumas sempre ter ;
Tu que és a flôr dos bailes, rainha das formosas,
Encanto de mil vistas, que ledas, pressurosas
Em ti vão se embeber ;

Tu que arde-te nos olhos do amor a chama viva ,
Que n'alma a flôr educas do amor com mão activa ,
Que vives só de amor ;
Tu astro a quem mil frontes nas salas ruidosas
Curvando-se saudão, bebendo venturosa
No chão teu resplendor ;

Tu dèusa dessas salas, que em céus por ti se tornão,
 Tu ente a quem mil dôtes, mil perfeições adornão,
 Mil olhos buscão ver,
 Mil peitos amão, todos em ti somente absortos,
 Por ti, do amor archanjo, de amores todos mortos,
 No amor só a viver;

Tu, bella Carolina, que queres mais, pois choras?
 Acaso inda achas pouco? De mais julgas credoras
 Tuas graças divinaes?
 Porque é que na hora mesma dę teu triumpho, ó bella,
 Tua fronte, como absorta n'um bém que em vão anhela,
 Se inclina e afoga em ais?

—Que importa ver mil frontes curvadas ante a minha?
 Que importa que mil peitos, onde amplo amor se aninha,
 Beijar venhão meus pés?
 Um só bastou-me um dia! mas esse a morte dura
 Roubou-mo! hoje minh' alma não mais cuida em ventura,
 Só scisma em seu revéz!

A CIGANA E O BOIADEIRO.

Isto entre nós não é manha,
E' quase como entre vós;
Vós quereis uma barganha,
E meia queremos nós.

CANTIGA DE CIGANOS.

Fui atraz do boiadeiro :
« Boiadeiro, não te vás,
Bom pasto para o teu gado
No meu campo encontrarás. »
Mas ligeiro,
Sem sequer olhar átraz,
Toca o gado o boiadeiro ;
Máu rapaz !

« Olha o gado como espéca !
 Tem talvez fome voraz,
 Soubera-lhe a herva verde,
 Deixa-o pastar se lhe apraz. »

Mas ligeiro,
 Sem sequer olhar atraz,
 Toca o gado o boiadeiro ;
 Mau rapaz !

« Ah ! não queres que o teu gado,
 Que de magro se desfaz,
 Mate a fome que o devora ?
 Então breve o perderás. »

Mas ligeiro,
 Sem sequer olhar atraz,
 Toca o gado o boiadeiro ;
 Mau rapaz !

« Nem é só a voraz fome
 Que o teu gado em p'rigo traz ;
 Maior risco no caminho
 Corre ainda... lá o verás ! »

Mas ligeiro,
 Sem sequer olhar atraz,
 Toca o gado o boiadeiro ;
 Mau rapaz !

« No caminho, oh ! não te illudo,
 Quanta onça se não praz
 De assaltar á noite o gado,
 Quando o dono o julga em paz ! »
 Mas ligeiro,
 Sem sequer olhar atraz,
 Toca o gado o boiadeiro ;
 Mau rapaz !

:

« Olha a noite que já chega,
 Teme a onça, moço audaz !
 Deixa o gado aqui pastando,
 E vae tu dormir em paz. »
 Mas ligeiro,
 Sem sequer olhar atraz,
 Toca o gado o boiadeiro ;
 Mau rapaz !

— Vamos, meu gadinho, vamos !
 Mais além descansarás ;
 Mais que a onça e mais que a fome,
 Teme a cigana fallaz. —
 E ligeiro,
 Sem sequer olhar atraz...
 Mas ahí volta o boiadeiro :
 « Que é, rapaz ?

— Minha rez que alli me falta,
 Minha rez, cigana audaz !
 Onça, dá-me a rez que é minha,
 Fera, a rez não me darás ? —

« Embusteiro,
 Vés alguma rez atraz ?
 Ora é bom mais justiceiro
 Ser, rapaz ! »

— É bom ser menos astuta,
 Menos perversa e fallaz,
 Cigana, raposa indigna !
 Dá-me a rez, ou morrerás .—

E ligeiro,
 Regaçando o punho audaz,
 Sobre mim o boiadeiro...
 « Ah ! rapaz,

Tenho alli uma rèzinha,
 Que as minhas delicias faz,
 É minha, de ha muito a tenho,
 Porém leva-a, se te apraz. »

— Peito arteiro !
 « Já não tens a rez, rapaz? »
 — Nunca mais com boiadeiro
 Tenções más ! —

E agarrando a rez aos chifres,
 Fundo rastro no chão faz,
 Já com os pés da rez que escora,
 Já com os seus ; e, a rez atraz,
 Vae ligeiro
 Reuni-la adiante ás mais...
 « Que das maís, ó boiadeiro ? »
 — Fera audaz,

Dá-me conta do meu gado,
 Dá-me conta, ou morrerás ! —
 « Pede á noite que te ensine
 O lugar onde o acharás.
 E ligeiro
 Bom com essa é que te vás,
 Senão, gado e boiadeiro,
 Se nos praz... »

— Se nos praz, dizes, maldicta ? —
 « Sim, que esta que vendo estás
 Não te assalta aqui sosinha,
 Mas com os socios bons que traz. »
 — Traiçoeiros,
 Fazei hoje o que vos praz,
 Mas um dia boiadeiros
 Farão mais !

Dar-vos-ão sobeja paga,
Contra o vosso bando audaz
Boiadeiros e amos, todos
Hão-de conspirar-se. Paz
Pedireis,
Mas em vão, bando fallaz !
E jamais o que fazeis
Fareis mais ! —

Assim disse o boiadeiro.
Mas embora a falla audaz,
Co'a rezinha que restava
Deu-se pressa em ir-se. Atraz
Deixou dez,
Que aos ganjões doar nos praz,
Por patacão cada rez
Ou por mais.

CANÇONETA.

(IMITAÇÃO.)

Como, dizia eu,
Já roto o mastro e a vela,
Ir ter ao porto, ó céu ?
Rema, dizia ella.

Como, dizia eu,
Irada tanto a estrella,
Haver-lhe um riso, ó céu ?
Canta, dizia ella.

Como, dizia eu,
N'aza de uma alma bella
Voar meu peito ao céu ?
Ama, dizia ella.

CABELLOS SOLTOS.

Suelta la negra melena
Sobre el cuello de crystal.

ZORRILLA.

Oh ! não soltes assim os teus cabellos
Por sobre os hombros teus !
Não os soltes assim, torna a prendê-los,
Senão, meu Deus ! meu Deus !

— Que têm então meus cabellos,
Que têm, que deva prendê-los,
E não solta-los assim ?
Não são cabellos formosos,
Não se annellão tão lustrosos,
Não lustrão como o setim ? —

Oh ! não quero saber se são formosos,
 Se annellão-sc gentis :
 Não n'o quero saber... são perigosos,
 Meu coração m'o diz.

— E em que consiste o perigo ?
 Que trazem elles cõsigo
 Que te assuste o coração ?
 Não sei que possão cabellos,
 Cabellos pretos e bellos,
 Dar causa a tanta afflícçâo ! —

Oh ! não é porque são pretos e bellos ;
 Não é por isso só :
 Se prendesses de novo os teus cabellos,
 Embora em frôxo nó...

— Que fôra então se os prendesse,
 Se ao meu pente os envolvesse,
 Se atasse-os fita gentil ?
 Não são os mesmos cabellos,
 Cabellos pretos e bellos,
 De fio tenue e subtil ? —

Oh ! teus cabellos perdem-me, se insistes
 Em os não reatar ; ..
 Teus cabellos me perdem, se persistes
 Em tê-los soltos no ar !

— Então é no ar tê-los soltos,
 Não tê-los ao pente envoltos,
 Gentil fita os não prender,
 O que mais sofrer te custa,
 Que o teu coração assusta,
 Que pode até te perder ? —

Oh ! não sei se perder-me pode apenas...
 Ou se já me perdeu !
 Que vaes de novo ata-los tu me acenas ?
 Oh ! já não o quero eu.

— Então porque já o não queres ?
 Para assim te desdizeres
 O que é que veio influir ?
 Tinha solto os meus cabellos ,
 Diseste : Torna a prende-los,
 E agora o vens impedir ! —

Oh ! temia de teus cabellos soltos
 A minha perdição ;
 Mas agora sc ao pente os vejo envoltos,
 Mais teme o coração !

— E o que é então que mais temes ?
 Tu que ás minhas plantas tremes,
 Nem eu sei tambem porque !
 Que em minha mão pões tua vista,
 Que de todo se contrista
 Se nella o meu pente vê ! —

Oh ! perderão-me os teus cabellos soltos,
Perderão-me de amor ;
Mas se agora ao teu pente os vejo envoltos,
Morro, morro de dôr !

— Pois não ato os meus cabellos ,
Cabellos pretos e bellos ,
Que te perderão de amor ;
Já que os amaste assim soltos ,
Ingratos não hão-de , envoltos ,
Fazer-te morrer de dôr .

A SORTE DA FLOR.

I

Nasce a rosa ao pé da fonte,
Nasce junto ao alto monte
Que se eleva sobre o val,
Nasce, flôr de formusura,
A' beira da fonte pura,
Junto ao monte colossal.

Queira o verme vil, obscuro,
Que roja no lodo impuro,
Corromper a pobre flôr :
Ha-de a fonte preserva-la,
Ha-de continuo lava-la
Co'as per'las do seu licôr.

Queira o euro violento,
 Que alli passe em máu momento,
 A pobre flôr desfolhar :
 Ha-de o monte protegê-la,
 Ha-de em seu flanco, sobre ella,
 Do euro o golpe aparar.

Mas seccasse a pura fonte,
 Aplanasse-se o alto monte :
 Que fôra da pobre flôr ?
 Roubára-lhe a sua pureza
 O verme abjecto, e a belleza
 O euro destruidor.

II

Assim tambem, ó dônzellas
 Que viveis puras e bellas
 Ao lado de vossos paes,
 Temei pela vossa sorte,
 Se delles travando a morte
 Mesquinhas orfans ficaes.

Vossa mae é como a fonte,
 Vosso pae bem como o monte,
 E vós como a pobre a flôr ;
 Se vos falta o seu affecto,
 Do euro e do verme abjecto
 Fará a vez um seductor.



MAZEPPA.

(DE V. HUGO.—ORIENTAES.)

Away! away!

BYRON. — MAZEPPA.

Avante! avante!

Assim, quando Mazeppa, que ruge e treme em lagrimas,
Se viu, mãos, pés, e flancos que um sabre roça, misero
Ligado, oh! grão revez!
Sobre um fogoso poldro, que dc hervas aqueas nutre-se,
Que fuma, e ao qual das ventas fogo em scntelha exhala-se,
E fogo ao qual dos pés;

Quando, em seus nós rolando como um reptil, ao cumulo
 Levou, eo'a inutil raiva , de seus algozes barbaros
 O jubilo feroz ;
 E emsim , oppreso e lasso, jaz na anea fera e indomita,
 O suor na fronte, a escuma na boca, os olhos tumidos
 De sangue, o escarneo atroz ;

Um grito parte ! e subito eis pelo campo amplissimo
 Poldro e homeni, n'um só vulto fundidos, curto o fôlego,
 Por sobre o movel chão
 De areias, de amplo ruido de poeira enchendo um vortiec
 Igual à nuvein negra que o raio envolve, aos aquilos
 No vôo iguaes lá vão !

Lá vão ! Como a procella passão nos valles floridos,
 Como esses bulcões que usão nos montes glomerarem-se,
 Como igneo globo; vão !
 Depois já um ponto negro somente ao longe tornão-se,
 Depois já no ar se apagão qual no amplo mar ceruleo
 De escuma um floco vão.

Lá vão ! O espaço é grande. Parecem do ermo aos terminos
 Correr; mas no horizonte sem fim e sempre elastico
 Mergulhão mais e mais !
 Seu curso como um vôo precipite arrebata-os,
 E selvas, e povoados, e tudo, enadeando-se,
 Nutando em torno jaz !

E se o infeliz, em tratos sentindo a fronte, move-se,
 O bruto, que auras venee, nesse acto mais assanha-se,
 E em pulos mais fataes
 Se entranha no deserto vasto, invio, inculto, arido,
 Que ante elles, com suas pregas de areia, em véus desdobra-se
 Ao chamalote iguaes !

Vacilla tudo e pinta-se de côr incerta e dubia :
 Correr em desfilada, fugir vê elle as arvores,
 As nuvens, o torreão
 Antigo e em ruina, os montes que um traço corta rapido.
 Vê tudo ir-se; e seguindo-o com gran tumulto cálidas
 Poldras em lotes vão !

E o céu, onde já o vulto da tarde plumbeo esboça-se,
 Com seu oceano inquieto de nuvens, onde lanção-se
 Mais nuvens a correr,
 Seu sol que entre essas vagas arrasta a prôa flammca,
 Sobre a cabeça tonta lhe é roda agil de marmore,
 Com veias de ouro a arder !

Seus olhos se desvairão, sua fronte pende languida,
 Sua coma rôja ; a areia que é fulva e as moutas viridas
 Vermelhas deixa apoz
 Seu sangue ; nos seus membros inchados mais enlaça-se
 A corda, e, longa cobra, mais cerra e multiplica-lhes
 Sua mordedura e nós.

O bruto, que nem sella nem freio sente, em fúria
 Vai sempre ! e sempre o sangue lhe escorre, e a carne, tremelhe
 Em lanhos a pender !
 Ah ! eis que já ás poldras ardentes, que seguião-no,
 Nos ares balançando das erinas a onda nitida,
 Vem corvos succeder !

Vem corvos, feio bul'o, redondo olho, que espanta-se,
 Dos campos de batalha bravia aguia, e noctivago
 Xofrango avesso á luz,
 Obliquo mocho, e abutre souveiro, que em cadaveres
 Mergulha o rubro e calvo pesoço, qual disséra-se
 Nú braço inumerso em pus !

Vem todos largo e denso formar o bando funebre ;
 Deixando, por segui-lo, já o roble solitario,
 Já os tectos a ruir.
 E elle, em sangue, e fora de si, ao ver tal préstito,
 Quem sobre mim, pergunta, tão negro e tão funereo,
 Tal leque vemi abrir ?

A noite, sem véus ricos de estrelas, desce lugubre.
 O enxame se encarniça ; tenaz matilha aligera,
 Persegue na extensão
 O ardente vijante, que os vê, sombrio vortice
 Entre elle e o céu, que os perde depois, que no escuro ouve-os
 Voar em confusão.

Emfim, apoz tres dias de um curso dôido, râbido,
 Depois de haver transposto correntes de agua gelida,
 Desertos, matagaes,
 O bruto cahe aos gritos das mil aves rapineas,
 E a unha sua de ferro na pedra que esborrâ-se
 Immota e fria jaz !

E o triste, ei-lo estendido por terra, nû, miserrimo,
 Envolto em sangue ! O bôrdo mais rubro não divisa-se
 Das flores na sazão.
 A nuvem de aves, torva, sobre elle adeja e cerca-o ;
 De bico ardente, os olhos, que assaz queimarão lagrimas,
 Roer-lhe anciando estão.

Pois bem ! esse ente, um dia, que agora uiva e arrasta-se,
 Esse cadaver vivo, da Ukrania as tribus multiplas
 Fa-lo-ão seu chefe audaz.
 Um dia, semeando de mortos mil sem tumulos
 Os campos, largo pasto dará, melhor que elle unico,
 Ao corvo, ao bufo e aos mais.

Seu nome e poderio virão de seu suppicio.
 Um dia, ha-de a pelissa cingir dos velhos hérmanos,
 Assombro a quem o olhar ;
 E, quando fôr passando, da tenda essas innumerâas
 Nâções, ante elle curvas, de festas longo estrepito
 Terão para o saudar !

Assim, quando sua estrella querendo-o, um mortal sente-se
 Ligado todo, ó Genio, corsel ardente e indomito,
 Na tua anea fatal,
 Debalde elle, ah ! relucta ; tu saltas, tu precipite
 Do mundo real as portas, que a teus pés de aço quebrão-se,
 Transpõe co'esse mortal !

Com elle passas, deixas desertos, cimos viridos
 De antigos montes, mares, e, além dos céus diáphanos,
 Sombrias regiões ;
 E mil visões impuras, que ao curso teu despertão-se
 Em torno ao viajante, prodigo audaz, insolito,
 Apertão-se em legiões !

De um vôo elle atravessa, nas tuas azas flammeas,
 Os campos do possivel, e os mundos da alma ; banha-se
 No rio eterno ; á luz
 De estrellas, ou por noite tempestuosa, entrança-se
 Sua coma aos dos cometas ardentes erinos, e ignea
 Na fronte aos céus reluz !

De Ilérschel as seis luas, do aneião Saturno o círculo,
 O polo, que de uma alva nocturna cinge a aureola
 Na fronte boreal,
 Vê tudo ; e, ante elle, exausto jamais teu vôo servido
 De um mundo insíndo, a cada momento, alarga o ambito
 Sumido no ideal !

3

Saber quem pode, excepto demonios e anjos, no íntimo
 O que elle soffre ; aos olhos que luz de raios lívida
 Não vem lhe perpassar ;
 Que ardente chânuma os seios não lhe enche e abraza ; a gelidas
 Ah ! quantas azas, soltas nas sombras, por sua tremula
 Fronte não vem roçar !

Grita assombrado ! Segues, duro, implacável. Pallido,
 Exausto, aneiando ao peso do vôo teu que esmagá-o,
 Pensa : Succumbirei !
 Parece cada passo que dás cavar seu tumulo.
 Emfim o termo chega... corre, erra, cahe exanime,
 E torna a erguer-se rôei !



CANÇÃO.

Ennamorei-me dos teus lindos olhos,
Onde dos céus o puro azul se pinta,
Onde os reflexos da tua alma candida
 Como os de um astro brilhão !
Sim, namorei-me de tão lindos olhos.

Gostei de vê-los, languidos, quebrados,
Mas — sob o véu de quase morte — vida !
Por fora — escasso, amortecido brilho,
 Mas dentro — viva chamma !
Gostei de vê-los, languidos, quebrados.

E quem, como eu, olhos assim não ama ?
Olhos assim funda paixão revelão,
Fundo amor que no peito se enraiza,
Que se concentra n'alma !
Quem pois, como eu, olhos assim não ama ?

Eu, foi só vê-los, namorei-me logo
Desses teus olhos languidos, quebrados,
Onde dos céus o puro azul se pinta,
Onde a tua alma como um astro brilha !
Sim, foi só vê-los, namorei-me logo.

VERSONS

NO ALBUM DA EXM. SRA. D. ERMELINDA JULIETA DANTAS.

Amo ver na cõr morena
Ums olhos que azues não são,
Não são pretos, nem castanhos,
Nem tem a lingua expressão
Para dizer-lhes a cõr ;
Mas tem-na meu coração :
— Olhos que inspirão amor,
Da cõr da terna paixão !

Amo um rosto assim como esse,
Não alvo como o jasmim,
Não corado como a rosa,
Que os rostos que são assim,
 Não são o que ha de melhor ;
Mas um rosto assim moreno,
Que de sol um raio ameno
Doira como luz de amor !

Amo o que ha nesse semblante !
Não belleza trivial,
Dessa em que olhar se embebe,
Que os olhos têm por phanal,
 Que os fascina com sua luz ;
Mas outra de luz mais sancta !
Belleza que a alma encanta,
Que o peito a ama-la conduz !

Amo esse véu sobre o rosto
De affável melancolia !
Não riso a brincar nas faces,
Não de vivida alegria
 Nos olhos sempre a expressão ;
Mas uma doce tristeza,
Que é tambem uma belleza
Aos olhos do coração.

Amo esse gesto, não viva
Denuncia d'alma em prazer,
Não fraco esforço do espirito
Sob o envólucro a soffrer,
— Extremos de goso e dôr ;
Mas um ineffavel gesto,
Que o prazer pinta modesto,
Que ao soffrer grangeia amor !

Amo esse terno composto
De graças tão naturaes,
Onde o corpo é menos que a alma,
Onde dons celestiaes
Juutão-se aos humanos dons ;
Que inspira não terreo ardor,
Mas que gera em peitos bons
Talvez dos anjos o amor !

NO ALBUM

DE UMA NOBRE SENHORA.

A mulher é a Musa do poeta ;
Seus cantos se perfumão, quando sento
 Ao pé de uma beldade ;
E as cordas soltão como um som divino,
Quando a mão da mulher guia a do vate
 Na escala da harmónia !

Laço de flores por sua mão se enrastra
 Ao braço do alaúde, que se anima
 Do ar que ella respira ;
 Celestes notas de sua voz se escapão,
 Que sob a mão do menestrel passando,
 Dão alma aos seus harpejos.

Seus olhos brilhão como gêmeos astros,
 Onde o vate, já n'um, já n'outro lendo,
 Soletra « Amor, ventura. »
 E a lyra, accorde ao pensamento de ambos,
 « Amor, ventura » em meigos sons repete
 Depois que o vate lê.

E o riso acaso descerrando os labios...
 Como a descuido se entreabriindo as pétalas
 De um cravo melindroso...
 Oh ! isso impregna de um odôr suave
 O canto, o hymno que o poeta entôa
 Ao pé de uma mulher !

E o gesto em torno irradiando assagos ;
 E um ar de meiga complacencia aos votos
 Da lyra que a respeita ;
 E um dicto, extreme de banaes palavras,
 Novo na forma e no conceito, e cheio
 De espirito e de graça !

Tudo isto prende o coração do bardo,
Tudo isto encanta a mente que se inspira
 Nos dons de uma mulher ;
Tudo isto eleva a quem por Musa a toma,
Quando ao pé della se intimida o estro
 De abrir suas igneas azas !

A mulher doira do poeta os hymnos !
Belleza, espirito, ademan, meiguices,
 Tudo é inspiração.
E quando as cordas do alaúde estalem,
Inda por lyra ao pé da Musa resta
 Do vate o coração.

A LOUQUINHA.

A travessa Joanninha,
Que se chamava a *louquinha*,
Por andar sempre a brincar,
Ouvio alguem lhe fallar :
— Vem cá, mimosa florinha,
Deixa-me um beijo te dar. —

E a travessa Joanninha,
Que se chamava a *louquinha*,
Por andar sempre a brincar,
Responde : — Quer me beijar ?
Não custa, a igreja é visinha,
Vamos ao padre fallar.

VERSONS

TRADUZIDOS DE V. HUGO

F

OFFERECIDOS A' EXM. SRA. D. A. C. P. F.

Mens blanda in corpore blando.

Senhora, tanta graça em vós sciætilla,
Tão puro é vosso canto, vossa dansa
 Contém tal seducção,
Tão meigo lume, vos inunda os olhos,
Em toda vós ha um não sei què tão doce,
Tão grato ao coração,

Que ao virdes, joven astro peregrino,
Nossa noite aclarar co'a luz de um riso
 Que nos faz palpitar,
Como ante a rosea aurora a ave dos bosques,
Um terno pensamento em nós acorda
 E se põe a cantar!

Vós não o ouvis, vós o ignoraes, senhora,
Porque o casto pudor vossa alma esconde
 Sob os seus sacros véus ;
E o anjo a cuja guarda o céu confiou-vos
Não tem de que corar, quando em vós pousa
 Contente os olhos seus.

•

PRESENTE DE FLORES.

As rosas mais bellas, os lirios mais puros
No prado os colhi
Por dar-te um presente ; gentil ramalhete
Compuz para ti.
Recebe, ó formosa,
Recebe estas flores,
Com ellas acceita
Meus ternos amores.

As rosas te pintão meus vivos anhelos
E ardente paixão,
Os lirios esprimem os timidos votos
De meu coração.

Recebe, ó formosa,
Recebe estas flores,
Com ellas acceita
Meus ternos amores.

Se as rosas murcharem ao cabo de um dia,
Se os lirios tambem,
O affecto comtudo não ha-de imita-los,
Viver ha-de além.

Recebe, ó formosa,
Recebe estas flores,
Com ellas acceita
Meus ternos amores.

O AMOR.

(TRADUZIDO DE V. HUGO.)

Menina, o amor em começo,
Escuta,
É espelho onde a moça *coquette*
E bella ama ver-se, — reflecte
Um céu, que ella em sonho desfructá.

Depois, semelhante á virtude ;
Attende ,
Quando elle no peito já mora ,
O mal , todo o vicio põe fóra ,
E o peito , flor pura , rescende.

Depois desce um pouco, escorrega
O pé...
Que abysmo ! Em vão pega-se á margem
A mão ; na imprevista voragem
Forçoso afinal cahir é.

O amor, bello, puro e mortal,
Tal yoga.
Crês nelle ? E' bem como a criança
Que n'agua do rio, em folgança,
Se mira, se lava e se afoga !

DONEC GRATUS.**DIALOGO ENTRE HORACIO^V E LYDIA.****HORACIO**

Em quanto o meu nome foi grato a teu peito,
Em quanto em teu collo de candida tez
Não teve outro braço, que o meu, doce leito,
Vivi mais ditoso que Persicos rēis.

LYDIA

Em quanto outros olhos mais luz não te derão,
Nem fogo, — nem Lydia viu Chlóe soberana,
De Lydia o renome qual foi bem souberão,
Vivi mais illustre que Sylvia Romana.

HORACIO

Chlóe hoje domina-me, Chlóe a Cretense,
 Que a voz doçorosa na cythara afina ;
 Por quem satisfeito morrêra, se obtém-se
 Que á alma desta alma dê o céu meiga sina.

LYDIA

Caláis com reciproco ardor, ao presente,
 Caláis filho de O'rnid e Thureo, me inflamma ;
 Por quem duas vezes morrêra cõtente,
 Se ao nume desta alma como eu o céu ama.

HORACIO

Que, se ora revive-me a chamma já morta,
 Se em érea cadeia buscar nos unir ?
 Se expulsa a lindissima Chlóe, minha porta
 De novo ante a Lydia de outrora se abrir ?

LYDIA

Bem que elle mais pulcro que um astro pareça,
 Tu mais que a cortiça leviano, e iracundo
 Mais que o Adria,—comtigo, minha alma o confessá,
 Viver junta é gloria, morrer é jucundo !



A COBRINHA.

Purpurea, gentil cobrinha,
Que te escondes sob as flores
Do jardim,
Mesmo assim
Como tu — se esconde Anninha
Sob os seus falsos amores.

Como tu assim gentil,
Assim rosea ella é tambem ;
Como as flores
Seus amores
Tambem são, — disfarce e ardil
Flores e amores contêm.

Ai do pobre jardineiro,
Que das flores encantado,
Põe-se a vé-las
E a colhê-las !
Ai delle — tão descuidado
Dõ teu dente traiçoeiro !

Ai do moço inexp'riente,
Que dessa Anninha se embebe
Nos amores
Tão traidores !
Ai delle — que não pressente
O golpe que apoz recebe !

Não, não toque o jardineiro,
Purpurea, gentil cobrinha,
Nestas flores !
Dos amores
Da bella, mas falsa Anninha,
Eu cá fugirei ligeiro !

LAGRIMAS DE NAPOLEÃO.

(FLÔR.)

Bella flôr, chamão-te — Lagrimas
De Napoleão :
E's então symb'lo do pranto
Que esse homem, do mundo espanto,
Verteu do universo a um canto,
Nas dores da proscripção ?
E' por certo amargo e rudo
O pensamento ; e comtudo,
Bella flôr, eu te saúdo
Por ser o teu nome — Lagrimas
De Napoleão !

E' a flôr — bella ; e sympathico
 O nome seu !
 Napoleão ! poder, gloria,
 Prestigio d'alta victoria,
 Grandeza, immortal memoria,
 Adejo do genio ao céu !
 Lagrimas ! rócio celeste,
 Que sobre a estancia terreste
 Do genio — cás ; e que veste
 A flôr — tão bella, e sympathica
 No nome seu !

Flôr — de Napoleão lagrimas !
 Sê minha flôr :
 Eu amo as flores, que emblemas
 São das sensações extremas
 Do genio — quer entre algemas,
 Quer dos triumphos no ardor :
 Amo a que exprime victoria,
 A que é symbolo de gloria,
 E a que nos traz á memoria
 Do genio a dó. Flôr de lagrimas,
 Sê minha flôr !

O genio custa a ter symbolos,
 Que o pintem bem :
 Traços de Deus traz na fronte !
 O sol que luz no horisonte,
 Retrata-lo quer a fonte,
 Mas o sol mais brilho tem ;

A flòr de magico encanto
 Quer de Napoleão o pranto
 Figurar, — e Deus a tanto
 Fa-la chegar! — fiel symbolo,
 O pinta bem.

Que flòr, e que nome! Caza-se
 O nome á flòr:
 Tem a flòr brilhante alvura,
 Do genio a lagrima é pura;
 Da flòr se arquêa a figura,
 O genio se ergue na dôr;
 A flòr tem grata apparencia,
 O genio, sob a inclemencia
 Da sorte, mais na existencia
 Sympathico surge! Caza-se
 O nome á flòr.

Bella flòr, chamão-te — Lagrimas
 De Napoleão;
 Chamão-te symb'lo do pranto
 Que esse homem, do mundo espanto,
 Verteu do universo a um canto,
 Nas dores da proscripção;
 Chamão-te assim; — agro e rudo
 E' o pensamento; e comtudo,
 Bella flòr, eu te saúdo
 Por ser o teu nome — Lagrimas
 De Napoleão!

A CRIANÇA.

(TRAD. DE V. HUGO.)

Le loit s'égale et rit.

ANDRÉ CHENIER.

Quando apparece o infante, abre-se a roda
Da familia : — entre aplausos elle ahi entra !

Seu doce olhar que brilha
Brilhar faz tambem logo os olhos todos.
Nas mais nubladas frontes luz derrama
Que esvae toda a tristeza.
A caza é em festa, se apparece o infante
Innocente, travesso, e a todos rindo.

Quer Junho haja o meu patio enverdecido,
 Quer Novembro em redor d'ampla fogueira
 Gelados, tiritantes
 Em contiguas cadeiras nos reuna,
 Ao vir o infante, o jubilo é comnosco,
 E rimos e fallamos,
 E a mãe, quando á porfia os mais o chamão,
 Tremendo aovê-lo andar, corre a abraça-lo.

A's vezes nos apraz, mechendo o fogo,
 Fallar de patria e Deus, dos vates, da alma
 Que se eleva na prece ;
 O infante vem, adeus céu, adeus patria,
 Adeus poetas sanctos ! grave e seria
 Foge a pratica aos labios,
 E onde ella ha ponco estava agora um riso
 Constante a cada phrase se mistura.

*

A' noite, quando dorme o homem, — quando
 A alma sonha, — na hora em que se escuta,
 Como uma voz chorosa,
 Gemer a onda entre os canhões, — se a alva
 De repente nos céus luz como um pharo,
 Sua luz vai pelos campos,
 Como nuncia de festas, acordando
 Uma orchestra de passaros e sinos !

Infante ! és a alva, tu ; minha alma é a veiga
 Que das mais doces flores se embalsama,
 Quando sobre ella estendes
 Tuas azas de rosa, em que se embebem
 Os suaves perfumes que te offerta :
 E' o bosque ermo e sombrio
 Que de harmonicos sons, dourados raios
 Só para ti suas rainadas enche !

Porque teus olhos têm doçura insíndia,
 Teus bellos olhos de um azul celeste ;
 Porque tuas mãosinhos
 Roseas, bemditas, nunca mal fizerão ;
 Porque teus passos, que o céu guia, nunca
 Tocarão nosso lodo ;
 Fronte sagrada ! espirito inocente !
 Loura criança ! anjo de aureola de ouro !

Tu és por entre nós a pomba da arca.
 Tu vôas pelos angulos da caza
 Com graça inexprimivel.
 Tuas azas são de azul. Sem compr'hendê-lo,
 Olhas o mundo. Virgindade dupla !
 Corpo onde nada é immundo,
 Alma onde nada é impuro ! — Duplo vaso
 De innocencia e pureza, o lar perfumas !

E' bello o infante, com seu doce riso,
Sua doce boa fé, sua voz que intenta
 Tudo dizer, — seu choro
Presto acalmado, — errar deixando os olhos
Sempre entre maravilhas, sempre n'aza
 Do enlevo balançados !
E' bello ! sempre ledo offerecendo
Sua alma á vida, e sua boca aos beijos !

Senhor, ah ! preservae-me, e aos entes que amo,
Meus irmãos, meus parentes, meus amigos,
 E aos meus inimigos mesmo,
Que no mal contra mim se desemfreião,
De jamais ver, Senhor, em nossa vida
 O estio sem flôres,
A gaiola sem aves, o cortiço
Sem abelhás, a caza sem crianças !

HYMNO

AO 7 DE SETEMBRO.

Nossa fronte não se humilha !
Calcámos a hydra aos pés.
De ouro e verde o pendão brilha
Sobre as ruinas que fez.

Salve dia, nossa gloria !
De setembro fausto sol !
Doira eterno a nossa historia,
Da liberdade pharol !

Desprendeu sublime grito
 O gigante, que acordou ;
 Ergeu-se, e o monstro maldito
 Sob os seus pés esmagou.

Salve dia, nossa gloria !
 De setembro fausto sol
 Doira eterno a nossa historia,
 Da liberdade pharol !

Dêsde o Prata ao Amazonas
 Do gigante alcança o olhar ;
 Em vão quer por essas zonas
 O monstro resuscitar.

Salve dia, nossa gloria !
 De setembro fausto sol !
 Doira eterno a nossa historia,
 Da liberdade pharol !

Se unir tenta os vis pedaços
 O tyrannico dragão,
 O gigante cruza os braços,
 E com o pé varre-os no chão !

Salve dia, nossa gloria !
 De setembrô fausto sol !
 Doira eterno a nossa historia,
 Da liberdade pharol !

O gigante era dormente,
Do jugo ao peso arquejou,
Sonhou ser independente.
Independente acordou !

Salve dia, nossa gloria !
De setembro fausto sol !
Doira eterno a nossa historia,
Da liberdade pharol !

À POESIA.

(DE M.^{ME} D. VALMORE.)

O' doce Poesia,
Espalhã algumas flores
Em torno a mim, que afflîcta
Procuro os teus favores.

Do Amor vem fugitiva
Minha alma, e a teus pés chora ;
Consola com tua musica
Minha alma soffredora.

De minha lyra aos versos
Imprime amavel cōr,
Dá graça aos meus delirios,
Encanto á minha dôr !

E o véu de escuras sombras
Que envolve o meu destino,
Se esváia, como o fumo,
Ao sopro teu divino.

Sê sempre attenta, ó déusa,
Aos cantos meus de dôr;
Meus votos, meus desejos,
Arreda-os bem do Amor !

E apaga no meu peito
Os restos desse ardor...
Mas qual ! a Poesia
E' socia e irman do Amor !

AOS ANNOS DE UM MENINO.

OFFERECIDO A SUA EXTREMOSA MÃE

A EXM. SRA. D. FELISBERTA A. DA S^{*} VALDETARO.

Hoje contas um anno de vida,
Infantinho mimoso e gentil :
Cada dia — uma folha garrida,
Cada hora — uma flôr perfumada,
 Despontada
Da existencia no debil hastil.

Cada folha no hastil se balança,
Cada flôr entre as folhas fulgura.
Cada folha — um emblema de esp'rança,
Cada flôr — um emblema de amores,
 Folhas, flores —
Grato emblema de riso e ventura. *

Hoje contas um anno de vida,
 Infantinho mimoso e gentil :
 Cada dia — uma estrella luzida,
 Cada hora — um reflexo dourado,
 Derramado
 Sobre a tua alva fronte infantil.

Cada dia uma estrella — d'esp'rança !
 Cada hora um reflexo — de amor ! *
 Cada dia — uma aureola que lança
 Deus por a tua fronte — alva aurora,
 Cada hora
 Dessa aureola brilhante um fulgor.

Hoje contas um anno de vida,
 Infantinho mimoso e gentil :
 D'esperança e de amores tecida
 E' a rêde em que Deus te balança ;
 Brinca e dansa,
 Bello anginho, em tua rêde infantil !

Brinca e dansa e sorri-te, innocent !
 Brinca e dansa e adormece a sonhar :
 Acordado, sê ledo e contente,
 E dormindo, te assague risonho
 Aureo sonho...
 Junto a ti praza a Deus sempre estar !



A LAGRIMA.

(LORD BYRON.)

O lacrymarum fons, tenero sacros
Ducentium ortus ex animo; quater.
Felix! in imo qui scatentem
Pectore te, pia Nympha, sensit.

GRAY.

I

Se ha em nós sympathia,
Que nos move amizade
Ou amor, — sôe dizê-lo um olhar ;
Mas o olhar nos mentia !
Diz o riso a verdade ?
Só uma lagrima a pode expressar.

II

Muitas vezes o riso
 E' do hypocrita um meio,
 Com que o odio mascára ou o temor ;
 Antes quero um conciso
 Ai de tremulo seio,
 Que uma lagrima orvalha — qual flôr.

III

Bom signal é ter n'alma
 Compaixão, caridade ;
 E' o mais bello louvor dos mortaes !
 E alcançaes essa palma,
 Se á viuez, á orfandade,
 A' desgraça uma lagrima daes.

IV

O que aos mares se afoita,
 Se em montões vendo as vagas
 Sob alguma receia ficar,
 Ao tufão que o açoita
 Depõe n'aza mil pragas,
 Porém manda uma lagrima ao mar.

V

Corre ao campo o soldado,
 Corre — a gloria por norte—
 Sobre o imigo a colher um laurel ;
 Mas o imigo prostrado
 Ei-lo abraça, — e da morte
 Co'uma lagrima adoça-lhe o fel !

VI

E se a justa usfania
 Para ao pé de sua amada
 Tão romantico assim o conduz,
 Então bem se estasia
 De colher na rosada
 Face — a lagrima que alva ahi reluz.

VII

Sitio em que eu vivi moço !
 Da amizade e franqueza
 Mansão doce, mansão d'aureo amor !
 Sabes d'alma o alvoroco
 Quando disse-te, presa
 A uma lagrima, o adeus de sua dôr ?

VIII

Bemque agora um só voto
 Não mais vá de meu peito
 Ao daquelle a quem já tanto amei,
 Sempre lembro-me e noto
 Que os que outrora lhe hei feito
 Co'uma lagrima della os c'ròei.

IX

De outro embora, ditosa
 Viva a ingrata Maria ;
 Sei-lhe ainda a lembrança adorar :
 Bemque foi-me enganosa,
 Sei chora-la ; e em vão ria,
 Co'uma lagrima a sei perdoar.

X

Meus amigos queridos,
 De entre vós me apartando,
 Uma esp'rança me anima, e me diz :
 « Sereis inda reunidos !
 « Vosso adeus é chorando ?
 « Dae a lagrima ao encontro feliz ! ».

XI

Quando houver meu esp'rito
Voadó ás plagas da noite,
E o meu corpo na cova jazer,
Oh ! ter-me-ei po'r bemdito
Se no pó , que o euro açoite,
Quem derrame uma lagrima houver.

XII

Não me erijão moimento
Pela mão da vaidade !
Não careçe o meu nome azas taes
Para ao teu firmamento
Voar, Celebridade !
Uma lagrima eleva-me assaz.

AS POMBAS.

(TH. GAUTIER.)

Alli no outeiro; onde os sepulcros jazem,
Gentil palmeira, como um verde leque,
Levanta a fronte, onde de tarde as pombas
Vem se aninhar e procurar abrigo.

Mas demanhan ei-las que os ramos deixão :
Como um collar que se esgranisa, as vemos
Pelo ar azul se derramarem brancas,
E irem mais longe se poustar nos tectos.

Minha alma é a arvore onde igualmente ás tarde.
Brancos enxames de visões fagueiras
Tombão dos céus, espanejando as azas,
Para ante a luz do amanhecer voarem !

A BELLA INGENUA.

CANTIGA.

Não sou orgulhosa,
Se me achão formosa,
Melhor para mim,
Mas não o alardeio,
Mamãe diz que é feio
Proceder assim.

Mamãe diz que a moça
Deve ingenua ser,
E quanto mais bella
Mais modestia ter.

A's v̄ezes nas rodas,
 Onde estamos todas
 A rir e a brincar,
 Vem uma que altiva
 Foros quer de diva
 Entre as mais gosar ;
 Misera soberba !
 Logo o premio tem :
 Tratão-na as sensatas
 Com o digno desdém.

Succedeu-me um dia
 Ter uma alegria
 Que nunca esperei :
 Entre outras donzelas,
 Que erão todas bellas,
 A caso me achci :
 Mancebos que ahi estavão
 Chamarão-me a flôr ;
 As outras me olharão
 Com ternura e amor !

Fiquei satisfeita :
 Não pela colheita
 Do nome de flôr,
 Mas pela ventura
 De obter a ternura
 Das mais meu louvor.

E' que elles não tinhão
Fatuos corações,
Nem eu tinha entre ellas
Loucas pretenções.

Mamãe sempre ensina
Que a boa menina
Deve ingenua ser ;
Que embora formosa,
Não deve orgulhosa
Nas mais desfazer.
E eu assim pratico :
Se louva-me alguém,
As mais iuda em cima
Me louvão tambem.

Não sou orgulhosa,
Se me achão formosa,
Melhor para mim,
Mas não o alardeio,
Mamãe diz que é feio
Proceder assim.

Mamãe diz que a moça
E' tanto melhor,
Se une á formosura
Modestia e pudor.



ROMANCE MOURISCO.

(V. HUGO.— ORIENTAES.)

Dixó-le: dime, buen ombre,
Lo que preguntarte quería.

ROMANCERO GENERAL.

Dom Bodrigo andava á caça.
Era em tempo de verão.
Sem espada e sem couraça,
Um dia, mei'dia em ponto,
O corpo estende no chão,
E sobre a relva macia,
Sob uma arvore sombria
Lá descansa o homem soberbo,
Dom Rodrigo o valentão.

Quer dormir, porém não dorme !
 Ve-la-lhe n'alma o rancor.
 Alimenta um odio enorme
 Contra esse bastardo mouro,
 Sobrinho seu, seu horror,
 Mudarra, cujos irmãos,
 Os sete infantes de Lara,
 Elle á morte arremessára
 Em seu sanguineo furor.

Por encontra-lo em terreiro,
 Das Hespanhas o paiz
 Atravessaria intiero,
 Da Figueira até Setúbal.
 Podia não ser feliz,
 Mas anciava encontra-lo ...
 Nesse momento, a cavallo
 Passa um homem pela estrada,
 E o homem que passa, diz :

Cavalleiro, cavalleiro
 Christão ou mouro,
 Que inerme dormes á sombra
 Do sycomôro,
 Seja Deus contigo ahi !
 — Sejão tambem suas graças
 Comtigo que armado passas,
 Que armado passas aqui.

— Cavalleiro, cavalleiro
 Christão ou mouro,
 Que enerme dørmes á sombra
 Do sycomôro,
 Sobre flórido colchão !
 Diz-me o teu nome, que almejo
 Saber quem diante vejo,
 Se um valente ou um felão !

— Tu queres saber meu nome ?
 Pois bem, t'o digo :
 Sou Dom Rodrigo de Lara,
 Sim, Dom Rodrigo
 Sou, de Dona Sancha irmão ;
 Sou irmão de Dona Sancha,
 Não bastardo, nem por mancha,
 Mas por modo bem christão.

Aqui, deste sycomôro
 A' sombra, vélo,
 Não durmo ; d'Alba a Zamora
 Hei com desvélo
 Procurado esse Mudarra,
 Que, se eu soubesse onde elle anda...
 Dizem que uma náu commanda
 Do rhei mouro Aliatarra.

E' o filho da renegada,
 Filho bastardo,
 Bastardo mouro, bom sangu
 Pelo qual ardo !
 Hei buscado esse Mudarra,
 Mas não sei por onde elle anda,
 Sei só que uma nau commanda
 Do rei mouro Aliatarra.

Encontra-lo inda algum dia
 E' o que a Deus rogo ;
 E algum dia se o encontro,
 Conheço-o logo :
 Com elle sempre caminha
 Nossa espada de familia,
 No cabo um diafante brilha,
 E anda a folha sem bainha.

Oh ! á fé de christão, juro,
 Por outra mão
 Que não a minha, esse traste
 Não morre, não !
 Quem ha-de o matar, presente !
 E' a ventura que almejo...
 —Então quem diante vejo
 E' Dom Rodrigo ? — O valente !

— Pois bem, senhor, quem te falla,
 Quem aqui vês,
 E' esse bastardo mouro,
 Mudarra ! Crês ?
 E' o vingador e o juiz !
 Procura um refugio agora,
 Que é chegada a tua hora !
 — Vens bem tarde ! o outro diz.

— Eu, da renegada filho,
 Eu, Mudarra,
 Que ao certo uma náu commando
 De Aliatarra,
 Réi do qual noticia tens,
 Eu, meu ferro e o meu rancor.
 Todos três, eis-nos, senhor !
 — Repito, bem tarde vens !

— Tu, que sob o sycomôro
 Agora estás,
 Já d'Alba a Zamora andaste
 De mim atraz ;
 Pois eis-me fronteiro a ti !
 Olha bem minha feição,
 Vê se sou o mesmo ou não...
 — Serás, mas vens tarde aqui !

— Tarde não, meu Dom Rodrigo,
 Cêdo p'ra ti ;
 Só se já de viver cansas...
 Olha p'ra mi !
 Ah ! desmaias a tremer !
 Infame ! dá-me a tua vida,
 E a tua alma denegrida
 Ao teu anjo, se a quizer !

No meu ferro de Toledo
 E no meu Deus
 Confio, um no meu punho,
 Outro nos céus :
 Vês os olhos meus ardentes ?
 Cumprir-se vae o meu voto,
 Far-te-ei despejar, maroto,
 A vida por entre os dentes.

De Dona Sancha o sobrinho
 Já pode emfim
 Fartar no teu sangue a sêde
 Que tinha ; e assim,
 Meu tio, com Deus te agarra,
 Vê se elle dá-te outra vida,
 Que esta já lá vae perdida...
 — Meu bom sobrinho Mudarra,

Um momento, um só ! espera
Que eu vá buscar
O meu ferro de batalha.
— Não te hei-de dar
Outra demora, senão
A que aos meus irmãos tu déste ;
A's covas em que os puzeste
Desce, vac ver que taes são !

Carrasco ! se até o presente
Desembainhada
Sempre conservei a folha
De minha espada,
E' que eu firme esp'rança tinha
De, vingando a renegada,
Dar um dia á minha espada
Tua gorja por bainha.

A ROSA E A BRISA.

NO ALBUM DA EXMA. SRA. D. FELISBERTA B. DA R. BRITO.

I

Um dia a rosa disse á brisa : « Brisa,
« Que fazes-tu, louquinha,
x Por toda parte, a toda hora ? A noite
c Não vês que se avisinha ?

« Olha que a noite em seu escuro seio
« Occulta a mão traiçoeira,
« Com que bem pode, se a voar te apanha,
« Quebrar-te a aza ligeira.

« Ah ! não, não vões, minha irmã, enquanto
 « A falsa aqui andar ;
 « Colhe-te a um canto, até que venha a aurora,
 « E o sol torne a brilhar.

» Bom agasalho te darei. Comigo
 « Na minha verde caza
 « Passarás mal, se mal é no meu seio
 « Ter um leito a tua aza.

« Ah ! vem, irmã; olha que a noite ahi chega,
 « A noite traiçoeira,
 « Que no ar bem pode, se a voar te apanha,
 « Quebrar-te a aza ligeira. »

II

Porém a brisa disse á rosa : « Rosa,
 « Não tenhas tanto medo,
 « Deixa-me livre revoar e sempre
 « No seio do arvoredo.

« A noite, minha irmã, é como o dia
 « Para quem não faz mal,
 « Só entes máus devem temer as trevas,
 « Aos bons toda a hora é igual.

« Deus quiz que a sombra horrorisasse ao crime,
 « E o remorso gerasse,
E que á innocencia noite e dia um astro
 « Na vida allumiasse.

« Quando a maldade se inquieta á noite
 « Entre negras visões,
« Por entre as trevas a innocencia guião
 « Mil dourados clarões.

« Por isso, ó minha irmã, não temo a noite !
 « E em tua verde caza
« Quem é que te protege ? Deus ! o mesmo
 « Que ampara no ar minh'aza.

MÃE !

Melhor que a voz de uma lyra
Que geme terna canção ;
Melhor do que o que suspira
A lyra do coração ;

Melhor que o doce gorgorio
Ou solfas do rouxinol,
Quando da aurora no seio
Ensaia seu hymno ao sol ;

Melhor que dos beijasflores
Sobre as rosas o rumor ;
Melhor que da aura nas flores
O beijo sussurrador ;

Melhor que a queixa da fonte,
Nos seixos a soluçar ;
Melhor que um éco, no monte,
Das harmonias do mar !

Melhor que o arrulho da pomba,
Que de amor perfuma o ar,
Que vive de amor e sombra
No seu ninho, aéreo lar ;

Melhor que a orchestra, delicias !
Das aves, no amanhecer ;
Melhor que a nenia das brisas,
Na hora do anoitecer ;

Melhor que a voz onde dansa
Uma sineza de amor ;
Melhor que a aria da esperança
N'alma ardente do amador ;

Melhor que d'alva beldade
A palavra que diz : Sim,
Que encerra felicidade
Qual nota de seraphim ;

Melhor que o som da promessa,
Que vem dos labíos á flor
Dizer á duvida : Cessa !
Dizer á alma : Crè no amor !

Melhor que a voz que deseja
De outra voz a vibração,
Melhor do que um ai que beija
Outro ai do coração ;

Melhor que do sacerdote
Voz que scella uma união
Na qual d'alma a alma é dote,
Pois de amor thesouros são !

Melhor que o rumor divino
Da esmola na urua a cahir ;
Melhor que a voz de um menino
Para a pobreza a pedir ;

Melhor que o éco, na igreja,
De uma cantada oração ;
Do que o sino que festeja
Do Christo a resurreição !

Melhor que a voz das donzellas
Cantando do orgão ao som,
Entre o incenso e as velas,
Gloria ao Deus Supremo e Boni !

Melhor que d'harpas eólias
O eucantado suspirar,
Ou do salgueiro entre as folhas
Harpa de Hebreus a chorar !

Melhor do que tudo... excepto
O som da materna voz,
E' o nome MÃE !... concerto
Baixado dos céus a nós.

ARROUBO.

I

E's bella, mui bella ! — pareces estatua
Talhada por moldes que a terra não tem ;
E a arte dos homens, embora tão fatua,
Ao ver-te, a seus partos só vota desdém !

E's bella ! co'a fronte tão alva, tão pura,
Vertendo torrentes de luz ao redor ;
Erguida, — como astro que em cima procura
Espheira mais digna do seu resplendor !

E's bella! e o teu vulto que os olhos encanta
 Não só falla os olhos, mas á alma tambem ;
 E's bella, és estatua, mas d'anjo ou de sancta !
 E os olhos — se áfoitão-se — a mente os contém

II

E quando nas cordas do meigo instrumento
 Teus dedos aéreos vão leves correr,
 As cordas parecem ter alma, oh portento !
 Ter alma que sabe sobre ellas gemer !

Ah ! sobre a tua harpa correr vão teus dedos,
 Teus dedos que o sopro dos sons tremer faz...
 Ah ! deixa-os correrem ! que assim mais segredos
 D'ignota harmonia saber nos farás !

Pois quando nas cordas do meigo instrumento
 Teus dedos aéreos vão leves correr,
 As cordas, em notas de magico accento.
 Segredos revelão d'ignoto gemer !

III

Se ao ver o teu vulto que os olhos encanta,
 Que a mente enamora com digna altivez,
 Disse eu : E's estatua de archanjo ou de sancta !
 E olhos e alma beijárão-te os pés ;

Agora no arronbo dos sons que hei ouvido
 De sob teus dedos : Estatua não és !
 Digo ; és o anjo mesmo, dos céus descendido,
 Vibrando na terra tua harpa a teus pés !

Assim nesses coros de mil seraphins
 Que mil harpas vibrão na altura dos céus,
 Talvez, junto ao solio de eternos rubins,
 Verteste harmouias aos pés do teu Deus.

IV

E agora na terra tua harpa vibrando,
 Tua harpa que sabe tão doce gemer,
 Talvez nessas notas que ao céu vão voando,
 Vacinda a tua alma de Deus aos pés ter !

Ah ! vibra a tua harpa d'ignota harmonia,
 Ah ! deixa que vôle tua alma ao teu Deus !
 Em quanto o teu corpo na terra caminha,
 Tua alma outra senda percorra nos céus !

Ah ! vibra a tua harpa ! No accento tão brando
 Enlevão-se os homens, enlèva-se Deus :
 Os homens te adorão, aqui te escutando,
 E Deus te abençõa , te ouvindo nos céus !



HYMNO (*)

À ESTRELLA DA TARDE.

(IMITAÇÃO)

Doce estrella da tarde ! misteriosa,
 Longinqua mensageira, que do occaso
 As pallidas cortinas entreabindo,
 Assomas radiante !

Do teu de azul diaphano palacio,
 Princeza destas horas ! que contemplas
 No seio da planicie, onde das sonbras
 O véu mudo se estende ?

(*) Offerecido, como um pequeno signal de estima, ao Sr. Dr. Zeferino Nery Pereira da Cruz, a cujo pedido compoz o autor este hymno, ou antes passou-o do francez de Musset para versos nossos com liberdade amplissima.

A procella colheu a fatal aza,
 O vento se acalmou, tenue na selva
 Vae o rumor, sereno grato ás folhas
 Peneira-se invisivel.

Pelo campo aromatico e sombrio
 Atravessa o doirado pyrilampo,
 Alada flôr de pétalas de fogo
 Que á noite desabrocha !

No aéreo lar a ave se agasalha.
 Tudo é silencio em torno. Sobre a terra
 Adormecida, em que magias sonhas,
 Do éther branca fada ?

Mas para os montes já subtil descambas ;
 Foges sorrindo, maviosa amiga ;
 E a se extinguir de teu olhar é prestes
 O brilho melancolico.

Doce estrella dos sonhos do crepusculo
 No horror nocturno presto dissipados !
 Triste lagrima argentea, resvalando
 Da noite no atro seio !

Tu que do tópo da colina verde
 Ris ao colono que o suor enxuga,
 E ao pegureiro que aq redil, cantando,
 Conduz o seu rebanho !

Onde vaes-tu por esta noite immensa ,
 Estrella amavel, gloria do occidente ?
 Buscas á borda do oceano um leito
 Nos róridos cauniços ?

Onde vaes tão geutil, nympha dos ares,
 Por estas horas de silencio e treva,
 Tombar, como uma perola, no seio
 Fundo e escuro das aguas ?

Ah ! se deves morrer, astro formoso,
 Se tua fronte, em languidez banhada,
 Vae do atro pégo sepultar nas ondas
 Seus doirados cabellos,

-

Antes de nos deixar, astro adoravel,
 Espera, ouve uma supplica : não desças,
 Não, não desças do céu, do amor estrella,
 Não te apagues na terra !

LAGRIMA FURTIVA.

(VERSÃO LIVRE)

« Oh ! que negro pensamento
« Em torno delle volteia !
« Como um bello lirio murcho
« Sua fronte se derreia.

« Para calmar-lhe a afflicção,
« Cantemos-lhe um doce canto,
« O meu mais terno rimance,
« Aquelle que elle ama tanto. »

E da guitarra travando
 A pobresinha innocent,
 Vae tocando e vae cantando,
 Mas em vão, que elle o não sente !

« Oh ! que terrivel tristeza
 « O domina agora tanto,
 « Que insensivel se não move
 « De minha voz ao encanto !

« Dar-lhe-ei ainda um sorriso
 « Mais doce que o meu accento,
 « Um beijo dar-lhe-ei que o inspire,
 « Que lhe avive o sentimento. »

E ao rosto delle chegando
 O rosto seu peregrino,
 Vae dos labios côr de rosa
 Soltar o osc'lo divino ;

Mas vendo que elle recusa
 Suas caricias de amor,
 A pobresinha, confusa,
 O que solta é um ai de dôr.

De seus negros, lindos olhos
Uma lagrima furtiva
Então corre, e muda e rapida
Pelo semblante se esquiva.

Doce poder de uma lagrima
Em face d'anjo ! O que um canto,
Um riso, um beijo não pôde,
Pôde por fim um tal pranto.

CANTICO.

Hermosa !

Tudo em ti me embelleza e me captiva !
Teu espirito — estrella doce e viva —
 Me doira o coração !
Tua voz argentina e docorosa
Ouço como sons d'arpa harmoniosa
 Sob angelica mão !

Teu semblante formoso enche meus olhos ;
Nelle brilha tua alma sem resolhos,
 Nua qual Deus avê;
Como um claro e diáphano horisonte,
Como um céu branco e roseo é tua fronte,
 Onde um astro se crê !

Banha teus olhos uma luz divina !
 Coração que por ella se illumina
 Como não é feliz !
 Adeja tanto amor pelos seus raios !
 E esses olhos azues, sempre em desmaios ,
 Como não são gentis !

Tua tez é de seda ; a còr é pura,
 E' leite, e symbolisa a tua candura,
 E' rosa, e diz pudor ;
 Mas tuas faces, sobre o leite e rosa,
 Têm mais um quê ... união mysteriosa
 De pejo, graça e amor !

E' tua boca um perfumado cravo ;
 Cada phrase que soltas, doce favo
 De ambrosia ; e o teu rir
 Timida aurora que um instante raia,
 E n'outro á flôr dos labios teus desmaia,
 Como um sonho a fugir !

E esse collo de candido alabastro,
 Onde talvez do amor se esconde o astro
 Sob púdico véu !
 E essas longas subtis madeixas de ouro,
 Onde talvez do amor brilha o thesouro
 Mais rico que olha o céu !

E esses hombros harmonicos, cadentes !
 · Esses braços de jaspe reluzentes,
 Essas mãos de marmim,
 Essa breve cintura delicada,
 Esse corpo de sylphide engracada,
 Esse ar de cherubim !

E essas plantas delgadas, pequeninas,
 De melindroso tacto, que se inclinas
 O corpo alguma vez,
 O vento que perpassa buliçoso
 No teu vestido só brinca amoroso,
 Teme beijar-te os pés !

Se caminhas, que corpo leve e airoso !
 Que sympathico vulto dadivoso
 Percorre agil o chão !
 Tal n'um sonho de bella madrugada
 Perpassa aos olhos d'alma ennamorada
 Uma amavel visão !

Como em torno de ti scintillão graças !
 Como empregna-se o ar por onde passas
 De luz, perfume e sons !
 Como adeja a teu lado uma aura pura,
 Como segue teus passos a ventura,
 De que íman são teus dons !

Pudésse o teu cantor, sem desgostar-te,
Um hymno a cada instante dedicar-te ;
Não fôra ainda assaz :
Teus dous trasbordão no ferver dos cantos !
E a tua modestia, a par de teus encantos,
Silencio ao bardo traz.

A JOVEN CASTELLÃ.

(DE M.^{me} D. VALMORE)

« Prohibo-te, ó castellã,
Sosinha no bosque andar. »
Eis-me, apoz penoso afã,
De novo no bosque a entrar :
Tremia de medo e espanto,
Para o bosque hoje ao sahir ;
Mas amo este bosque tanto !
Meu amo, é em vão prohibir.

« Prohibo, amavel cantora,
 Que andes essa aria a cantar »
 Eis minha alma a aria decora,
 E anda com ella a sonhar.
 Canto-a de noite e de dia,
 E a bella aria repetir
 Agora mais me extasia ...
 Meu amo, é em vão prohibir.

Prohibo sobre o meu pagem
 Jamais teus olhos lançar. »
 Eis que agorá a sua imagem
 Me cerca em todo lugar.
 Julgo-o ver mesmo em pessoa
 Para mim agora vir ;
 Minha alma para elle vôa ...
 Meu amo, é em vão prohibir.

Prohibo ! Sabes meu amo,
 O que esta palavra é ?
 Prohibir que ame a quem amo !
 E grande loucura, á fé!
 Se o amor é firme e forte,
 Nada o pode comprimir ;
 E se existe de outra sorte,
 Augmenta-lo é o prohibir.

O SINO DA TARDE.

(DE M.^{me} D. VALMORE)

Quando o sino da tarde, em lentos toques,
 Fizer a hora ao fundo val descer ;
 Quando nem roda de leaes amigos,
 Nem fida amante junto a ti estiver ;
 Oh ! nesse instante sim,
 Pensa em mim, pensa em mim !

Porque o sino da tarde, em voz sonora,
 Ha-de ao teu crmo coração fallar ;
 Ha-de dizer-te, em mavioso accento,
 E tu enternecido has-de escutar :
 « Nesta hora, a melhor,
 « Dá-me amor, dá-me amor ! »

E se o sino da tarde te desperta,
Se te recorda o que me ouviste já,
Pergunta ao tempo o que de mim te conta,
E elle o que de mim sabe te dirá :
 Quem sempre amor te deu,
 Senão eu, senão eu ?

Ah ! se o sino da tarde, éço desta alma,
Abafa emfim a voz do teu desdém ;
Se sobre as azas da harmonia sua
Um ai sequer do teu amor me vem ;
 Minha alma, por esse ai,
 Lá te vai, lá te vai !

A FLOR MURCHA.

C'est bien tôt pour mourir!

LAMARTINE.

Absorta em triste ideia,
 Sobre uma murcha flôr
 Chorava Clementina,
 Angelica menina,
 Presa de acerba dôr.

Chorava — e sobre o calix
 Da desbotada flôr . . .
 Mirava o proprio pranto :
 Tremia então de espanto,
 E succumbia á dôr.

Depois, reanimada,
Tornando a olhar a flôr,
Dizia : « Assim fenece
« A vida, que se tece
« De tanta graça e amor !

« Quão breve foi tua vida,
« O' minha pobre flôr !
« Um dia só brilhaste !
« Colhidainda hoje n'haste,
« Já morres, dom de amor !

« Assim tambem, quem sabe,
« Serei eu, minha flôr !
» Talvez tenha a tua sina ;
« Talvez que bem menina
« Me roube a morte ao amor.

PALINODIA

DE HORACIO.

De pulcra m e ó filha inda mais pulcra,
Fim que te apraza dar s hoje aos r eus
Iambos : na chamma, ou no Adriatico : ei-los
Sob os p  s teus !

Nem Dindymen, nem no \'adyto usa o Pythio
N'alma tal choque aos sacerdotes dar,
Nem Ly eu ; nem Corybantes tanto os cymbalos
Crebro golpear,

Como iras m estas : qu  nem gladio N rico,
 Nem mar de escolhos naufragosos, nem
 R bido incendio, nem de Jove mesmo
 Trov es cont m !

Prometh u, diz-se, ´ primordial argilla
 Daqui, dalli porc es for ado a unir,
 Em nosso peito leonina sanha
 Veio a infundir.

Iras perder o misero a Thyeste.
 Mais de uma gran cidade (ah ! se uma s 
 Fosse !) occasi o de toda ruir deveu-lhes,
 E, feita em p ,

Arar-lhe o seio exercito insolente.
 Doma a paix o : tambem d'annos na fl r
 Tentou-me um qu  no cora o, que aos rapidos
 Iambos, no ardor

Da ira, arrojou-me : agora em doces phrases
 Mudo as acerbias, se d s j  te apraz ,
 Em tudo a offensa reparada, o affecto
 Volver-me e a paz !

PRAZERES DA VIDA.

Prazeres da vida ! que são ? — breves flores
Que o sol vê nascer,
Que a noite em seu seio recolhe já murchas,
P'ra vê-las morrer.

São flores de um dia ! Se têm bello esmalte,
Se dão grato olor,
Bem cêdo o thesouro dos calices perdem,
Bem cêdo se cobrem de pallida côr.

São flores ; mas, debeis, não durão ; sestrosas,
Não vingão na areia
Ardente do ermo que — vida — se chama,
Onde o homem vagueia.

São flores ; mas tristes, ephemeras flores,
Que o sol vê nascer,
Que a noite em seu seio recolhe já murchas,
Se acaso o sol mesmo não viu-as morrer.



O VÉU DA LUA.

Lá das alturas
Do céu
Lança-me, ó Lua,
Teu véu.

Nivea cambraia
Que elle é,
De amor um mimo
A' fé !

Com elle, ó Lua,
Me brinda ;
Delle carece
Florinda,

E eu em presente
Lh'o off'rêço :
Mas não te agastes,
Te peço.

Ella, na terra,
Co'um véu !
E tu, sem elle,
No céu !

AMOR CONSTANTE.

Ahora y siempre.

O' virgem, vês esta rosa,
Tão formosa,
Do teu vergel esplendor ?
Vês como agora a corteja
E a beija
Namorado o beijaflôr ?

Pois tu tens a formosura,
Virgem pura,
Desta flôr do teu jardim ;
Ella o beijaflôr encanta,
Minha sancta,
E tu me encantas a mim.

Ella no aroma que exhala
 Preso embala
 Junto a si o beijaflôr ;
 E tu, captivo a teu lado,
 Embalado
 Me trazes no teu amor.

Mas não sabes ? Os revezes
 Vem ás vezes
 Contra a mais bella creatura ;
 Brilho e pompas com que ápraz-se,
 Tudo esvae-se
 Ao sopro da desventura

A's vezes vem de um bulcão
 A aspera mão
 Discorrer por entre as flores,
 Não poupa nem a belleza
 Da princeza
 Do vergel ... e adeus, amores !

Já o beijaflôr não corteja
 E nem beija
 A pobresinha da flôr ;
 Esquecendo o amor primeiro,
 Vae ligeiro
 Entregar-se a novo amor.

Vae d'outra flôr ser amante,
 Que o encante
 Como a primeira o encantou,.
 Que no perfume que exhale
 O embale
 Como aquella o embalou.

E a rosa, que maltratada
 Foi, coitada !
 Do euro pela aspera mão,
 Mais depressa inda esmorece
 E fallece
 Aos golpes da ingratidão !

Muita menina formosa
 Como a rosa
 Perde assim belleza e amor ;
 Muito amante há deshumano
 E tyranno
 Que faz como o beijaflôr :

Mas eu, ó virgem, eu não !
 Se o tusão
 (Que Deus de ti sempre aparte)
 Te ferisse, ó minha flôr,
 Meu amor
 Terias p'ra consolar-te.

Que amor prova á formosura,
 Da ventura
 Quem com ella liba o mel?
 Ama-la, gentil donzella,
 E' com ella
 Sorver dô infortunio o fel.

E' nos dias d'amargura,
 Quando escura
 Se lhe torna de aurea a sorte,
 Vir com o mesmo amigo rosto
 No desgosto
 Dizer-lhe : « Aqui estou, sê forte ! »

Hei-de amar-te, ó minha rosa,
 Quer ditosa,
 Quer infortunada sejas,
 Quer me envejem beija-flores
 Teus amores,
 Quer delles no olvido estejas.

Hei-de amar-te emquanto a vida
 Destecida
 Pela morte me não fôr ;
 E se além da sepultura
 O amor dura,
 Inda lá dar-te-ei amor !

CANÇÃO.

(PARAPHRASE DE V. HUCO.)

Se existe um prado de eternas verdores,
 Onde sempre do céu
Gotèje orvalho, que refresque as flores,
Lhes dê mais viço, e lhes ameigue as côres ;
 Nesse prado quero eu
Colher d'entre essas flores as mais bellas,
 Colher as mais cheirosas,
 E depois ir com ellas,
Sejão cravos, jasmins, lirios ou rosas,
 Juncar, encher a senda
Por onde a sorte conduzir pretenda
 Tuas plantas mimosas !

Se existe um peito affectuoso e terno,
 Cofre de puro amor,
 Qual têm-no os anjos, amor firme, eterno,
 Capaz de extremos, devotado ! — um peito
 Onde, celeste flôr,
 Brilhe a virtude ; e que á virtude affeito,
 Ao vicio tenha horror ;
 Que ás más paixões contrario,
 De sentimentos bons seja sacrario ;
 Desse peito quero eu
 Fazer o encosto de tua fronte, — o interprete
 Do pensamento teu !

Se existe um sonho de gentis imagens,
 D'ineffavel deleite,
 Baixel — vogando entre floridas margens —
 Que a mente leva a incognitas paragens
 D'indezivel encanto !
 Sonho de amor, sonho bemdicto e sancto,
 Perfumado de rosa,
 Sonho em que Deus nos falla,
 E' alma um suspiro aos pés de Deus exhala ;
 Desse sonho quero eu
 Fazer o ninho onde — innocenté pomba —
 Poise o coração teu !

A M. DE S. G.

Laureà donandus Apollinari.

HORAT.

Choro, lamento a tua sorte, ó vate !
Surgiste neste mundo ingrato e louco,
Onde a voz da razão é disparate,
E o brado da virtude echôa pouco !

Surgiste, e, como se ente estranho fosses,
Ouviste mais palavras arrogantes,
Encontraste mais ríspidos semblantes
Do que rostos alegres, vozes doces !

Surgiste, como surge no deserto
A flor que sem abrigo desfallece ;
Bem como a estrella que brilhar vem perto
Da nuvem que apressada a obscurece !

Bem como a iympha que de rocha altiva
Salta, e abundante e crystallina corre,
Mas que adiante pertubada, esquia,
Na areia impura, que a absorve, morre !

Surgiste, como o tenro passarinho
Que nos ares ensaia o voo e o canto,
E depois busca e não encontra ninho
Onde se alente, e fina-se em quebranto !

Bem como o infante innocentinho e bello
Que os olhos abre, e mãe e irmãos procura,
Mas só encontra indifferença e gelo,
E aberta ao pé do berço a sepultura !

Choro, lamento a tua sorte, ó vate !
Menos ingrato o mundo e menos louco
D'hoje em diante a tua voz acate,
Ou não a tenha, ao menos, em tão pouco !

Permitta Deus que o teu fado
 Não seja mais qual tem sido ;
 Não d'estrano despezado,
 Mas d'irmão bem acolhido !

Que não sejas como a flôr
 Que no deserto fallece,
 Mas como flôr que se aquece,
 Que viceja ao sol do amor !

•

Que não sejas como a estrella
 Que sob a névoa desmaia,
 Mas como estrella que raia
 No seio da nuvem bella !

Nem como a lympha que morre
 Sobre o impuro areial,
 Mas como lympha que corre
 Por sobre flores caudal !

E nem como o passarinho
 Que vôa e canta e põe sim
 Por ahi vaga sem ninho ...
 Que não sejas, não, assim !

E nem tambem como o infante
 Triste, sem mãe, sem irmãos ...
 Vate infeliz, d'hoje em diante
 Assaguem-te amigas mãos !

E quando no mundo te falhe a esperança,
 Quando, ah ! sempre triste teu fado aqui fôr,
 Em Deus, ó poeta, confia e descança,
 Que um premio infallivel reserva ao cantor !

No mundo derrama teus servidos cantos,
 Teus cantos que ensinão a lei do Senhor,
 Derrama-os envoltos no véu de teus prantos,
 Que os prantos do vate Deus vê com amor !

No mundo, entre os homens, serás estrangeiro ;
 Terás, por entre elles, somente rigor ;
 Porém, sobre a terra de Deus mensageiro,
 Nos céus o poeta de Deus tem o amor !

Na terra, bemcomo em ingrato deserto,
 Serás como pallida e languida flor ;
 Mas Deus, que o teu calix bemdiz sempre aberto,
 Nos céus, como orvalho, dar-te-á seu amor !

Nos céus, como estrella de luz peregrina,
 Que ensombrão nevoeiros de terreo vapor,
 Tua fronte, ante os raios da face divina,
 Lá rompe essas névoas, — c'rôada de amor !

Lá verte o teu peito esse mel de poesia,
 Que aqui se embebia n'um chão queimador ;
 Lá verte-o entre as rosas do céu ! ambrosia
 Que n'alma do vate põe Deus, todo amor !

Lá sòa entre os coros das harpas celestes
 A lyra daquelle que Deus fez cantor ;
 Lá cantas, ó cysne das margens terrestres !
 Lá tens o teu ninho do Eterno no amor !

Lá tens novo berço, — novo ar, nova vida ;
 Lá — nunca de um tumulo a sombra, o horror !
 Lá — nunca atra inveja, traição denegrida !
 Mas sempre — e isso é tudo — de Deus só o amor !



VERSONS

TRADUZIDOS DE V. HUGO

OFFERECIDOS A...

Ao colibri a pobre flor dizia:
— Não sejas tão fugaz!
Vê quão diversa é nossa sina. Eu fico,
E tu de mim te vaes!"

No emtanto, longe dos humanos temos
Nossos gratos amores,
E nós nos parecemos, e até dizem
Que somos ambos flores!

Mas ai ! o ar te leva e o chão me prende ;
 Que triste fado o meu !
 Como eu quizera embalsamar teu vôo
 Nas alturas do céu !

Mas não, tu vaes bem longe ! infindas flores
 Vaes por lá visitar,
 E eu aqui fico, a ver só minha sombra
 A meus pés voltear !

Tu vaes ; depois tu voltas ; depois tornas
 A ir folgar além.
 E a cada aurora sempre immersa em pranto
 Tua vista achar-me vem !

Ah ! se queres, meu rhei, que entre nós ambos
 O amor corra feliz,
 Faze que eu venha como tu a ter azas,
 Ou tu como eu raiz ! —

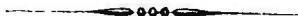


Rosas e colibrís, a sepultura
 Nos tem de emsím juntar
 Porque espera-la ? Não é bom ir juntos
 Viver n'algum logar ?

N'algum logar, — nos ares, se essa é a esphera
Que aos vòos teus convém ;
Nos campos, se é nos campos que o teu calix
De aromas se mantém !

Onde bem quadre ao genio teu ! que importa !
Ou sejas sopro ou côr,
Doirado colibrí, botão purpureo,
Aza de seda ou flôr !

Viver juntos, primeiro ! é o bem preciso ;
Seguro o goso seu,
A gente então indifferente escolhe
Ou a terra ou o céu !



A PARTIDA DO HOSPEDE.

(IMITADO DO GREGO MODERNO.—L. HALEVY.)

Chegára a sazão das flores,
Bella, aprazivel sazão.
Quer o hospede estrangeiro
Ir ver sua habitação.

Ei-lo sella o seu cavallo,
Põe-lhe o freio, e á porta o tem.
Deve partir, em vindo a alva,
E a alva já perto vem.

Suspira a moça que o ama,
 A moça que o hospedou ;
 Da-lhe a beber, e o alumia,
 Té que elle diz : « Prompto estou. »

« Prompta tambem ! diz a moça,
 « Prompta tambem, meu senhor !
 « Vamos, conduz-me contigo,
 « Meu amavel viajor !

« Deixarei a minha terra,
 « Irei para o teu paiz,
 « E lá comtigo vivendo,
 « Viverei leda e feliz.

« Parto daqui bem contente.
 « Não precisas, viajor,
 « D'alguma serva a teu lado ?
 « Aqui a tens, e é favor !

« Serei tua serva. Em caminho
 « Sobre ti hei-de zelar,
 « E ao pé do teu leito á noite
 « Meu leito irei collocar. »

« — Moça ! onde eu vou, não vão moças.
« Vão somente homens de accão.
« Guerreiros cuja mão forte
« Vae topar da morte a mão. — »

« Pois bem ! irei. Vests de homem
« Dá-me. Voarei aos combates.
« Venha o cavallo ligeiro,
« Venhão ferreos acicates,

« Venha a espada e a lança ! Quero,
« Quero assim te acompanhar,
« Quero ir contigo no campo
« Por tua gloria pelejar !

MAGIA DE OLHOS.

(VERSOS TRADUZIDOS DE V. HUGO.)

Amor, ch'a nullo amalo amar perdona,
Mi prese del costui piacer si forte,
Che, come vedi, ancor non m'abbandona.

DANTE.

Ver do banho entre os aljofares
Rosea menina brincar ;
No azul mar ver brancas vélas ;
Ver no céu brilhar estrelas,
Na terra flores brilhar ;

Ver em torno aos mornos idólos
 Gentis sultanas dansar ;
 De um baile olhar a mais bella ;
 A' noite, ver co'uma estrella
 Na fronte, um barco singrar ;

Mirar a lua serena,
 Sob os seus raios scismar ;
 Debaixo da ampla folhagem.
 Da arvore, que balança a aragem,
 No caminho descansar ;

Ser o rei, se da rainha
 E' ministro o coração,
 Se ella, não só se assevera
 Que pelo aureo sceptro impera,
 Mas tambem pela alva mão ;

Ouvir nas harpas zelosas
 Terno romance chorar ;
 Errar á tarde nas veigas,
 Onde as Andalusas meigas
 Vão brincar, sorrir, cantar ;

Beber as gotas de orvalho
 De um bello céu espanhol ;
 Abrir o peito ás doçuras
 Da aurora ; abri-lo ás ternuras
 Das canções do rouxinol ;

Não mais recordar o numero
Dos dias seus, sonhos vãos ;
Ver luzir fagueira a imagem
Do porvir ; — d'alma a linguagem
Fallar irmão entre irmãos ;

Das flores que abril colora
Encher trasbordando a mão ;
Vir de longe, e olhar com ancia
A terra de nossa infancia,
A' qual vôa o coração ;

Não ! de tudo quanto a sorte,
Real ou falso, ha de melhor,
Nada distrahe meus affectos,
Se sobre os meus olhos pretos
Teus olhos azues vens pôr !

A NOIVA DO MARINHEIRO.

(DE M.^{me} D. VALMORE)

Funda tristeza,
Bem sei, é muda,
Não sôe fallar ;
Mas assim mesmo,
Mamãe, eu quero,
Quero rezar.

Talvez lá em cima
Vão meus suspiros
Abrigo achar ;
Quem deu-me a vida,
Nesta hora amarga
Me ha-de amparar.

Jayne, o meu Jayme,
 Que me ama tanto,
 Vae me deixar :
 Mamãe, que angustia !
 Hei-de esta noite
 Vê-lo embarcar.

Olha lá fóra !
 O céu tão negro,
 Tão negro o mar ...
 Mamãe, eu tremo.
 De em tão má noite
 Vê-lo embarcar.

E em que navio
 Pensas que Jayme
 Foi-se engajar ?
 Mamãe, naquelle
 Que ha pouco esteve
 A naufragar !

Quando no porto
 A véla encher-se
 Para largar,
 Mamãe, que magoa !
 Nem uma estrella
 Para a avistar !

Meu Jayme, espera :
 • Antes da aurora
 Sorrir, brilhar,
 De amor um voto
 Alli nos chama
 Aos pés do altar.

Alli, meu Jayme,
 Um terno beijo
 Tenho a tê dar,
 E um annel d'ouro,
 Symb'lo do laço
 Qu'imos formar.

Ultima prenda
 Que meu pae deu-me,
 Vou t'a offertar ;
 Toma-a, meu Jayme,
 Toma o annel d'ouro,
 Junto do altar.

Mas céus ! que escuto !
 Já te despedes !
 Ah ! para o mar
 Leva estas lagrimas,
 Já que o annel d'ouro
 Deixas ficar.

A PEREGRINA.

(DE M.^{me} D. VALMORE)

— Peregrina, onde vaes a tal hora ?
Olha a noite quão feia que está !
Se te encontra a tormenta lá fóra,
Pobre moça, de ti que será !
— Eremita, não tenhas receio ;
Trovões, raios não sei mais temer,
Dêsde que outra procella em meu seio
Veio estragos peiores fazer.

— Minha filha, concede um instante
 Ao amigo fiel que te exhorta:
 Tu pareces até delirante !
 Vem da ermida rezar junto á porta.
 — Eremita, minha alma é de Deus,
 Deus me ampara : se agora aqui vou,
 E' porque elle fugir me mandou
 De um ingrato... do amor sujo, adeus.

— Minha filha ! se foges do amor,
 Ali ! não fujas tambem da piedade :
 Dia e noite, aqui nesta soiade
 Chora um triste ; ah ! tem dó de sua dòr
 — Chora um triste ? E' talvez um amante.
 Da-lhe então vosso pranto, ó meu pae !
 Quanto a mim, de igual dôr expirante,
 Não sei como embargar-lhe um só ai..

— Minha filha, ergue ao menos a vista !
 Ah ! commova-te a alheia afflicção.
 Este amante já nada o contrista,
 Se consegue o teu doce perdão. —
 E aos pés da gentil peregrina
 Corre ancioso a prostrar-se o eremita,
 Cahe nos braços do moço a menina,
 E ante a ermida o amor resuscita !

FINEZA.

O que ha de mais bello na terra, que os olhos
Enxerguem? — A flôr.
Nos céus? — Aurea estrella, mimosa rompendo
Da noite o negror.

O que ha de mais puro na flôr? — O perfume.
Na estrella? — O fulgor.
Fulgor e perfume, que são? — Alma e vida
Da estrella e da flôr.

Pois ouve-me, encantos! tu és minha estrella,
Tu és minha flôr,
E o grato perfume e o brilho suave
Esse é meu amor.

0 VÉU.

(V. HUGO.—ORIENTAES)

Hoje á tarde, Desdémona, rezaste ?

SHAKSPEARE.

A IRMÃ.

Que tendes-vós, ó meus irmãos, que tendes ?
 Com ar sombrio meditaes, e fogo,
 Livido fogo despedis dos olhos,
 Que brilhão como funerarias tochas !

Nos vossos cintos os punhaes se embalão,
 Porque sobre elles vossas mãos passeião ;
 E até já vi, já vi brilhar trez vezes
 Meio tiradas da bainha as laminas !

O IRMÃO MAIS VELHO.

Diz-nos, hoje o teu véu não levantaste ?

A IRMÃ.

Eu voltava do banho, irmãos, do banho
 Onde sosinha me lavára occulta ;
 Voltava, aos olhos me escondendo ainda
 Dos temerarios Giaours e Albanos ;

Quando passava da mesquita em frente,
 No meu coberto palanquim, succede
 Do meio dia suffocar-me a ardencia,
 E então meu véu por um instante abriu-se.

O SEGUNDO IRMÃO.

E um homem passou, de caftan verde ?

A IRMÃ.

Não sei... talvez que sim... mas sua audacia
 Minha feições não gosou ver por certo.
 Mas ai, irmãos ! vós conversaes baixinho,
 Baixinho conversaes , irmãos !... que é isso ?

Quereis meu sangue ? Ai ! pelos céus vos juro
 Como não viu minhas feições o ousado.
 Nas vossas mãos fraca mulher me tendes,
 E assim quereis fraca mulher matar-me ?

O TERCEIRO IRMÃO.

Sanguinea côr tinha hoje o sol no accaso !

A IRMÃ.

Piedade, irmãos ! Que vos fiz eu ? Piedade !
Céus ! de uma vez quatro punhaes no peito !
Aos vossos pés a vessa irmã se abraça ...
E tu, meu véu, meu branco véu, és causa ...

Valei-me, irmãos, ah ! por quem sois, valei-me ...
Que quase todo já me foge o alento ...
Ai ! já por cima de meus olhos sinto
Um véu de morte se estender pesado ...

O QUARTO IRMÃO.

Queremos ver se esse tambem levantas !

MEU ANJO !

Meu anjo, olha as estrellas
Brilhando meigas, bellas
No puro azul dos céus :
Que luz, que luz, meu Deus,
Que luz de amor espargem !
Meu anjo, são a imagem
Dos lindos olhos teus.

.Repara na brancura
Daquella nuvem pura
Que passa lá no céu :
De amor parece um véu
Que vae cobrir a estrella !
Meu anjo, assim se vela
De amor o rosto teu.

Escuta esta harmonia,
Que encanta, que extasia,
Baixada lá dos céus :
Ah ! são anjos de Deus
Que agora de amor fallão !
Meu anjo, assim se exhalão
Os sons dos labios teus.

Respira este perfume,
Que em si toda resume
Fragrancia que é do céu :
Oh ! peito que o sorveu
De amor como enlanguece !
Meu anjo, assim parece
O odôr do seio teu.

Nesta hora de mysterio
Não vês brilhante, aéreo
Passar no azul dos céus,
Envolto em aureos véus,
Um ente todo amores ?
Meu anjo, os seus primores
Ah ! são tambem os teus.

CANÇÃO.

(VICTOR HUGO)

Já rompe o dia, e inda fechada vejo
A tua porta ! Estás inda a dormir ?
Ó bella, á hora em que desperta a rosa,
Não queres-tu do leito inda sahir ?

Ah ! sahe do leito abre a tua porta, ó bella,
Escuta aqui,
Vem ver quem canta, quem suspira e chora
De amor por ti !

Vem ver quem bate á tua porta. A aurora
Dir-te-á : Sou eu, trago-te aqui — fulgor !
O rouxinol : Sou eu, trago — harmonia !
E o meu peito : Sou eu, trago-te — amor !

Ah ! sahe do leito, abre a tua porta, ó bella,
Escuta aqui,
Vem ver quem canta, quem suspira e chora
De amor por ti !

Duvido ás vezes se és mulher ou anjo !
Seja porém qual fôr tua natureza,
Fez Deus meu peito para amar tua alma,
Meus olhos p'ra enlevar-se em tua belleza !

Ah ! sahe do leito, abre a tua porta, ó bella,
Escuta aqui,
Vem ver quem canta, quem suspira e chora
De amor por ti !

A SOLIDÃO.

Não vês, querida,
Quão doce é a vida
Da solidão ?
Vida de sonhos
Puros, risonhos,
Que os céus nos dão.

Aqui, do mundo
— Gôlfão profundo
De corrupção —
Não vê-se o lodo :
Chão puro é todo
Do ermo o chão.

Pé d'impio a relva
 Aqui na selva
 Não vem calcar;
 Só a gazella
 Corre sobre ella,
 Sem a manchar.

Aqui, são puras
 As creatuṛas,
 Quaes Deus as fez;
 Vês na cidade
 Esta irmandade
 Que no ermo vês?

Olha entre os ramos
 Os gaturamos,
 Olha os chechéus,
 Como cantando
 Vivem se amando
 Nos ninhos seus!

Olha entre as flores
 Os beijaflores
 Voando aos mil,
 Beijando as rosas,
 Que de amorosas
 Tremem no hastil.

Olha nos lagos
 Os peixes vagos
 Sempre a brincar,
 Sempre reunidos,
 Irmãos queridos;
 N'água a se amar.

Olha, aprecia
 Como a alegria,
 A paz e o amor,
 Reinão no seio
 Do ermo, alheio
 Do mundo ao horror !

Vês estes prados ?
 Salões dourados
 Não os valem, não.
 São também salas,
 Mas d'outras galas
 Ornadas são.

* Não do ouro a preço
 Do irmão oppreso
 Comprado ao irmão ;
 Mas do ouro esparso
 Por largo espaço
 Do sol por mão.

O sol as doura !
 Se elle enthesoura
 Brilhos no céu,
 E' para orna-las ;
 Cobre estas salas
 De luz com um véu.

E á noite, estrellas
 Brilhão sobre ellas,
 — Como de amor
 Tremulos pharos,
 Jamais avaros
 De seu fulgor.

Quem n'as habita
 Ah ! não te imita,
 Homem, que tens
 Por fóra calma,
 Risos, — e n'alma
 Furor, desdens.

E' a açucena,
 A rosa , plena
 D'almo pudor ;
 E' a singela
 Rola, que anhela
 Só por amor,

E' a corça, a branda
 Corça, que ahi anda
 Por todo o val
 — Symbolo vivo
 Do humor esquivo
 A fazer mal.

E' o canoro,
 Alado coro
 D'avcs gentis,
 Que em doces trinos
 Modulão hymnos
 De amor feliz.

Eis quem habita
 E quem visita
 Estes salões
 Da natureza:
 Tudo é lhaneza,
 Não ha traições.

Deus fez o ermo
 Para ser termo
 Do mundo vão.
 Nelle, ó querida,
 Abra-sè á vida
 O coração !

ODE

DE HORACIO.

Quando o fallaz pastor, em náus idaicas,
Pelos mares levava a hospeda Helena,
Em displicente calma os ageis ventos,
Em quanto duros vaticinios canta,
Nerêu subjuga. « Infausto agouro segue-te
A ti que vaes aos lares conduzindo
Aquella a quem com basta soldadesca
Ha-de inda a Grecia reclamar, jurando
De um jacto as nupcias infieis romper-te,
E o reino antigo subverter de Priamo.
Ah ! quanto suor aos servidos cavallos,
Quanto aos homens na luta aguarda ! Quanta
Ruina moves á Dardania gente !
Já o capacete, a égide, a carroça
E a sanha apresta a temerosa Pallas.
Debalde então te mostrará soberbo
De rir-te Venus ; pentearás a coma,

E molles versos, a mulheres gratos,
Entðarás na imbellicosa cithara.
Debalde, ao thalamo fataes, as lanças
E as pontas rijas dos cretenses dardos
Evitarás, e o estrepito, e o ligeiro
Ajax a te seguir. Mais, menos tempo,
Ah ! vil poeira varrerão teus nitidos
Adulteros cabellos. Não descobres
No campo o filho de Laérte, exicio
A' tua gente, nem Nestor de Pylo ?
Impavidos a um tempo hão-de acossar-te
Teucro Salâmino, e Sthenélo forte,
Destro em pugnar, e, se de redeas trata-se,
Não frrouxo auriga. Merion igualmente
Conhecerás ... Eis louco por topar-te
De Tydeo o filho atroz, melhor, mais bravo
Que o pae ! Tu, qual do lobo ao longe visto
No valle a entrar o cervo que a herva esquece,
Delle entre sustos fugirás, o fôlego
Na trepida correira te faltando,
Nunca tal caso promettido á tua !
Indignada de Achilles a cohorte
De Ilion e das mães phrygias a hora extrema
Differirá : passadá a serie ou numero
De prefixos invernos, fogó Achaico
Devorará as habitações Ilíacas. »

ESTANCIAS

N'UM ALBUM.

Duas almas namoradas,
Embaladas
N'um mesmo sonho de amor,
São como duas affectas
Borboletas
Pousadas na mesma flôr.

São como dous passarinhos
Que em dous ninhos
Não vivem, porém n'um só;
Que nos mesmos ares vôão
E que entôão
Seus cantos n'um mesmo som.

E se apraz ver as affectas
Borboletas
Sobre o calice da flôr,
Se apraz ver os passarinhos
Em seus ninhos,
Prazer ainda maior

E' ver as almas queridas,
Embebidas
Nas suas scismas de amor,
Voarem como irmanadas,
Abraçadas,
Aos pés do seu Creador,

E lá : « Senhor, aqui estamos,
Pois que amamos,
• Seguimos a tua lei ;
Não bemdizes-tu, Senhor,
Este amor ? »
E Deus : « P'ra amar vos criei ! »

AS SYMPATHICAS.

Gósto de ouvir por ahi
Dizer quase geralmente :
— Aquella moça que vi
E' sympathica somente,
Belleza nenhuma tem :
De sympathia a belleza
Que distancia ! A natureza •
Distinguiu-as muito bem. —

Gósto de ouvi-lo. Mas juro
Que apezar de tão geral,
Na razão muito seguro,
Sim, na razão natural,
Não reputo um tal dizer :
Sympathia sem belleza !
Té repugna á natureza ;
Tal cousa não pode ser.

Sympathia, ao que se diz,
 E' ... Não ha definição.
 E' lá um condão feliz,
 Um mysterioso condão,
 Pelo qual o ente que o tem,
 Como um iman da affeiçāo,
 Dêsde os olhos o vêem,
 Vae ganhando o coração.

Os olhos gostão de vê-la,
 Uma sympathica Lona ;
 Esse *qué* que existe nella,
 Que ante os olhos tanto a abona
 Dêsde a primeira intuiçāo,
 Uma causa nos indica,
 — Que o olhar dizendo fica :
 Ama-a ! ama-a, coração !

Orar tudo quanto assim
 O olhar nos lisongeia,
 Respondão-me *não ou sim*,
 Feio ou bello se nomeia !
 Feio ou bello ! Estes dons termos
 São de toda a natureza ;
 Tem tudo uma ou outra face,
 — On seialdade ou belleza.

Gráus no *bello*, gráus no *feio*,
 Isso sim ; mas, feio ou *bello* !
 Não ha termo de *permeio*,
 Em tudo um dos dous scelhos
 Encontra do homem o olhar.
 Na *sympathica* qual delles ?
 O *feio*, dirão aquelles
 Que ousão *bella* a não chamar ?

Digão lá o que quizerem,
 Eu sigo cá esta lei :
 Quando meus olhos disserem :
 « Affeição, amor, baseei !
 « Agrada esta creatura
 « Aos olhos, ao coração..»
 Não faço mais distincção,
 Ahi anda formusura.

Formusura em qualquer gráu,
 De qualquer especie ou sorte ;
 Pois sabei, o que acho máu
 E' a sentença de morte
 Que contra as minhas *sympathicas*
 Lavraes dizendo-as, *não bellas*.
 Bellas são, direi eu sempre,
 Pois meus olhos gostão dellas !

Digo até : a sympathia
No geral da natureza
E' o que o amor mais desafia,
E o amor é da belleza.

A sympathia, por tanto,
Belleza é naturalmente :
E' até mais, minha gente !
E' da belleza o quebranto.

Resumirei o que sinto,
O que diz minha razão.
E digão se eu nisto minto,
Ou falla a alma e o coração,
Os que amão por *sympathia*.
Digo, se alguém me interpella :
Nem toda a bella é sympathica,
Toda a sympathica é bella !

DESPEDIDA.

Branca rosa, abre o teu seio,
Colhe as lagrimas do amor ;
Deus ben diz do amor o pranto
Sobre o seio de uma flôr.

Impia sorte nos separa,
Mas não corta o nosso amor ;
Deus ben diz o amor que é sancto,
Esperemos, minha flôr.

Quando o sol lançar mais brilho
Pelo céu do nosso amor,
Outra vez seremos juntos,
Sorriremos, miúha flôr.

Por agora o céu se enaubla,
Força é ver chorar o amor ;
Mas Deus véla sobre os que amão,
Esperança, miúha flôr !

SAUDADE.

(Flôr.)

Quem não ama a flôr Saudade,
Terna flôr ?
Quem não gosta desse emblema
Da suave anciedade
Que nos deixa em sua ausencia
Nosso amor ?

Terna flôr, Saudade, eu te amo
Com fervor :
Amo a imagam desse doce
Melancolico reclamo
Que na ausencia te dirijo,
Meu amor !

Tu, Saudade, symbolisas

Gosto e dôr :

Tu da ausencia o espinho cravas,

Mas da esp'rança o campo alisas

Onde os olhos longe enxergão

Seu amor.

Gosto e dôr, n'um só affecto,

N'uma flôr :

A flôr diz o que ha no peito,

— Doce afan por ver mais perto,

Mais chegado a nossos braços

Nosso amor.

Gosto e dôr em ti se encerrão,

Terna flôr !

Gosto e dôr d'alma que scisma,

Quando entre ais os olhos errão,

No seu ermo procurando

Seu amor.

Quem não te ama, ó flôr Saudade,

Meiga flôr ?

Eu por certo amo-te, emblema

Da suave anciedade

Que me deixa, em sua ausencia,

Meu amor.



CÂNCÃO.

Sa Louche quelquefois dit encor qu'elle m'aime ;
Mais son cœur , ni ses yeux ne m'en disent plus rien.

QUINAUT.

Porque hei-de andar illudido ?
Ella já não me quer bem.
Eu por ella ando perdido,
E ella de mim que dó tem ?

Ouves, ingrata, os meus ais ?
Ai ! que não.
E eu per tí cada vez mais
Louco em vão !

Ella me traz enganado ;
 Ella diz que me quer bem,
 Mas quando estou a seu lado
 Não mostra que amor me tem.

Ouves, ingrata, os meus ais ?
 Ai ! que não.
 E eu por ti cada vez mais
 Louco em vão !

Quando pergunto : Tu amas ?
 Ella responde : A ti.
 Mas que amor que não tem chamas !
 Tão fria responde assi !

Ouves, ingrata, os meus ais ?
 Ai ! que não.
 E eu por ti cada vez mais
 Louco em vão !

Torno a inquirir : Tu me adoras ?
 E ella responde-me : Sim.
 Mas quantos dias, não horas,
 Nem se recorda de mim !

Ouves, ingrata, os meus ais ?
Ai ! que não.
E eu por ti cada vez mais
Louco em vão !

Quando, enlevado em seus mimos,
Pergunto : São inda meus ?
Ella responde : E duvidas ?
Mas ai ! duvido, men Deus !

Ouves, ingrata, os meus ais ?
Ai ! que não.
E eu por ti cada vez mais
Louco em vão !

Quando lhe fallo nos dias
Da nossa mutua paixão,
Ella responde : São estes !
Mas ai ! receio que não ...

Ouves, ingrata, os meus ais ?
Ai ! que não.
E eu por ti cada vez mais
Louco em vão !

Triste condição de amante,
Que amando com tanto ardor,
Ouve dos labios da amada :
Amo-te ! — e não vê-lhe amor !

Ouves, ingrata, os meus ais ?
Ai ! que não.
E eu por ti cada vez mais
Louco em vão !

Porque hei-de andar illudido ?
Ella já não me quer bem.
Eu por ella ando perdido,
E ella de mim que dó tem ?

Ouves, ingrata, os meus ais ?
Ai ! que não.
E eu por ti cada vez mais
Louco em vão !

MILICIANA.

Os louvores e as recompensas
são a alma do soldado; se elle
os merece, e lhe são denegados, as
armas lhe cahem das mãos, porque
as mãos do soldado tambem precisão
de uma alma que as avivente, aca-
lore, e disponha para os combates.

M. B. F.

Foi um valente guerreiro,
Foi um bravo sem igual;
No campo foi o primeiro
A avançar, e o derradeiro
A poupar, sempre altaneiro,
O sangue da hoste rival.

Foi um leão na peleja !
 Fez prodigios de valor.
 Onde a morte mais doudeja,
 Ahi é que estar deseja ;
 Como que as balas fareja,
 Para affrontar-lhes o horror !

Foi um leão ; não foi homem !
 Homem não peleja assim.
 Outros que o seu logar tomem,
 E vejão se não consomem
 Brios, força, sem que assomem
 Como elle, heróe té ao sim.

Foi um leão na peleja,
 Foi ! — aborto de valor.
 Testemunha o imigo seja,
 Se de o dizer se não peja,
 E os seus, se o permitte a inveja.
 Mas qual foi o seu louvor ?

Qual foi o premio ao guerreiro,
 A esse bravo sem igual,
 Que no campo foi primeiro.
 Em avançar, e derradeiro
 Em poupar, sempre altaneiro,
 O sangue da hoste rival ?

O louvor ... foi o silencio !
O premio ... de nenhum sei.
Quando hoje falla-se em guerra,
O guerreiro, olhos em terra,
Como quem queixas encerra,
Murmura ... O que, não direi.

AMOR TRAHIDO.

Quand vous vous sentiez émouvoir
De ses paroles charmeresses,
S'il vous eût plû ramentevoir
Ma servitude et vos promesses !

BERTAULT.

Tão bello foi, senhora, aquelle tempo
Do nosso mütuo amor !
Tão bello ! Mas tão rapido esvaiu-se !
Culpa de quem ? Teu coração, senhora,
Do que eu sabe-o melhor.

Sabe teu coração qual de nós ambos
Ao outro foi traidor ;
Sabe em que mãos sempre alentado esteve,
E em que mãos apagou-se o duplo facho
Do nosso mutuo amor !

Sabe quem d'entre uós teve firmeza,
 Quem teve ingratidão;
 Sabe como desfêz-se, um dia, o laço
 Do nosso mutuo amor, — quem verteu lagrimas
 E quem sorriu-se então.

Sabe-o meu coração; — porém se o queres,
 Eu t'o repito ainda;
 Posto que aceras em meus labios passem
 As phrases, — posto que a alma em novas dores
 Beba amargura infinda.

Soffro e ante o quadro tenho horror! mas queres,
 Venha esse quadro ainda ...
 Dos cortejos d'algum era um dia
 O doce objecto: então chamava-te esse
 Meiga, mimosâ e linda;

Chamava-te o seu anjo, os seus encantos,
 Seu thesouro, seu bem;
 Chamava-te,inda mal! o que eu soia
 Chamar-te só, e só de mim deveras
 Ouvir, de mais ninguem!

Chamava-te o seu anjo; e tu, senhora,
 De mim te deslumbrando,
 De mim que só em ti pensava, absorto
 No encanto de te amar! benigna, affavel
 Oias escutando.

Benigna, affavel o escutavas, — como
 Se a voz do meu amor
 Jus não tivesse a te bradar : Não ouças !
 Lê no teu coração, recorda as juras,
 Sabe-as guardar melhor.

Benigna, affavel o escutaste ; e elle,
 De uma hora adorador,
 Talvez sem mais te dar que bellas phrases,
 Ganhou logo o teu peito ; e eu, perdi-o,
 Eu que te dava amor !

Ganhou teu peito o adorador de uma hora,
 Ganhou tua afseição,
 Teus affagos, teus mimos, teus desvelos,
 Teu pensar, teu querer ; e eu, no entanto,
 Chorava a ingratidão !

Chorava e inda hoje choro ... Mas emquanto
 Comigo eras ingrata,
 E a outro amavas, eis que um dia esse outro
 Comtigo ingrato foi ! Assim o tempo
 Traição com traição mata !

Choraste então como eu chorei primeiro,
 Choraste a ingratidão,
 Sentiste a dôr de um golpe inesperado
 Da propria mão que com mais gosto temos
 Unida ao coração.

Choraste e iuda hoje choras... Talvez hoje
 Sentes ainda amor
 Pelo vil que trahiu-te, — amargas queixas
 Tambem como eu soltando ; e emquanto choras
 Talvez ri-se o traidor.

Ri-se talvez como já tu sorriste,
 Zomba do teu amor
 Como zombaste deste amor sem termo
 Qu'inda trahido me reserve n'alma,
 Tornando a dôr maior.

Hoje portanto que como eu já soffres,
 Que ensinou-te o traidor,
 Que de um fugiste e o outro de ti foge,
 Dize, o que sentes ao lembrar-te o tempo
 Do nosso mutuo amor ?

Sentes talvez por mim inutil pena,
 Amor outra vez, não !
 Que o amor uma vez morto no peito
 Por outro amor, jamais revive, — é fonte
 Sêca no coração.

E' lampada onde a luz findou com o oleo,
 Não mais se acenderá ;
 E' volcão nas entrauhas apagado,
 Tronco que jaz pela raiz cortado,
 Que jamais se erguerá !

Flôr que d'hastea cahiu, que jaz sem brilho,
 Que aromas já não dá ;
 Vaso de essencia preciosa, exhausto ;
 Lyra feita em pedaços que harmonias
 Nunca mais soltará !

Não ! o amor que outro amor mata no peito
 Não mais reviverá !
 E' estrella de luz p'ra sempre exticta,
 E' astro que do céu tombou no abysmo,
 Que o abysmo tragou já !

Sentirás, pois, por mim inutil pena ,
 Amor outra vez, não !
 Nem eu jamais o teu amor quizera !
 Se amo-te ainda, inda tambem a affronta
 Dóe-me no coração.

Inda o punhal que me cravaste n'alma,
 Punge-me d'alma o seio ;
 Inda o absinthio que a tragar-me déste
 Me ensopa os labios, — inda o calix rende,
 Que déste-m'o bem cheio !

Sirva-te pois a ti o teu remorso,
 Que não a mim, se o tens ;
 Faça que chores, ao lembrar-te o tempe
 Do nosso mutuo amor ; não, que me off'rêças
 De amor novos refens.

Sirva-te sim a ti o teu remorso,
Que se hoje o tens, senhora,
E' p'ra que ao menos te arrependas hoje
De me haveres causado, a mim que amava-te,
Tão longa dôr n'uma hora !

E' p'ra que aprendas a não rir n'um dia
De quem te beija os pés,
Quando no outro chorar podes misera
Aos pés de quem teu pranto não enxugue,
Nem te adoce o revez.

Tão bello foi, senhora, aquelle tempo
Do nosso mutuo amor !
Tão bello ! E hoje sem elle o que nos resta ?
A ti — pezar, remorso ; a mim — saudades ;
A ambos — pranto e dôr !

AS LAGRIMAS.

NO ALBUM DA EXM.^a SRA. D. MARIA CONSTANÇA
B. C. DE SÁ.

I

Do orvalho as perolas
Na flôr
Gerão benefico
Frescor.

Igual das lagrimas
No peito
E' virgem candida,
O effeito.

Ri, quando orvalha-se,
 A flôr;
 Chora a alma, e mingua-se
 A dôr.

Deus, sobre os miseros
 Humanos,
 Tem lá dulcissimos
 Arcanos.

Soffre a alma, vítima
 De um mal,
 Pende a flôr, languida,
 No val?

Dá orvalho ao calice
 Da flôr,
 A' alma dá lagrimas
 Na dôr.

Lagrimas, lagrimas
 Na dôr!
 E' o dom do Altissimo
 Melhor.

Tu, virgem, dize-me,
 Na aurora
 D'annos, tens lagrimas ?
 Ah ! chora,

Chora, sympathica
 Mulher !
 Chora, que ás lagrimas
 Deus quer !

Chora, enche o calice
 Bem cheio,
 Vasa-o nos labios,
 No seio !

Traga em silencio
 Teu pranto,
 Que ás chagas balsamo
 E sancto !

Chora, que a aureola
 Melhor
 Ganha-se em lagrimas
 E dòr.

II

Minha alma sympathisa co'as lagrimas de outra alma,
 Meu peito é irmão do triste, do oppresso coração,
 Meus versos ah ! de goivos são sempre humida palma,
 Meu estro ah ! sempre abraça-se á Musa da affliefção.

Chora, alma candida,
 Chora na dôr !
 Que uma alma em lagrimas
 Grangeia amor.

III

Na terra, irmã das flores, gentil, ao céu os olhos
 Erguendo irmãos dos astros que o céu enchem de luz,
 Poz Deus a mulher. Rosa, mandou que ella entre abrolhos
 Nascesse; astro, que a nuvem sobre ella ondeasse a flux.

Mandou! mas entre espinhos lhe deu suave aroma,
 Lhe deu frescor de orvalho que o aroma exhalar faz;
 Lhe deu, por entre as nuvens, a luz que as trevas doma,
 E a brisa em ais, que as nuvens dissipá, e a luz refaz!

Assim, mulher, consola-te !
 Não és de todo misera.
 Vês que ao contrario ampara-te
 De Deus a mão.

Flôr, dá-te o orvalho em lagrimas,
Astro, auras que embalancem-te
Nos ais que vôão languidos
Do coração.

IV

Assim, virgem, nas lagrimas
Confia e crê.
Deus sempre as almas martyres
Com amor vê.



A GLORIA DO HOMEM DE BEM.

AO SR. DR. FRANCISCO CRISPINIANO VALDETARO. (*)

I

Amigo, — e deste nome permitte-me o uso ! — a gloria
Não é a visão falsa, de ephemero' fulgor,
Que atraz de si, vaidosos mendigos de memoria,
Leva esses homens que o óbolo anceião do rumor.

(*) Sobre quem, através do brilho de tantos nomes e caracteres distintos, laureados por uma justa fama publica, forão recahir, no seio do seu viver privado e recolhido as vistas imperiacs, para o chamarem ás tão elevadas quanto melindrosas funções de perceptor das Scnhoras princezas.

Não é ! Rumor, estrepito a gloria não dá. Fumo,
 Orgulho, ardor, delírio, talvez ; mas gloria, não.
 Que esta, ah ! só brota e nasce do esplendido resumo
 Dos dons reaes que adornão a mente c o coração.

A gloria ! Não é filha do alarde ôco e immodesto,
 Do aplauso ebrio das turbas na hora da illusão ;
 Nem do éco que esse aplauso vae longe acordar presto,
 Nem do alto som que as tubas da fama apoz lhe dão.

Não é ! Filha do merito és, gloria ! inda que esquivo
 Seja elle ás homenagens, modesto em seu valor,
 Bem que azas não procure no emcomio, e fugitivo
 Seu brilho, a um canto, esconda nas sombras do pudor.

Nas sombras, sim, discretas de um bello acanhamento !
 Véu puro em que se envolve, de instincço, o homem de bem :
 Que onde anda neste mundo maior mercemento,
 Maior, mais vergonhosa modestia anda tambem.

Um dia a bella nuvem desfaz Sol de justiça
 Que o merito escondido não deixa sempre estar ;
 E à fronte que occultando-se aureolas não cubica.
 Mais digno de cingi-las, lá vae se corôar !

Amigo, é esta a gloria real c verdadeira !
 O homem não a busca, mas ella de si vem.
 O homem se recolhe, mas ella ali vem fagueira
 Dizer-lhe : Em seu retiro visito o homem de bem !

II

Tu, pois, que a sombra prezas tambem do teu retiro,
 Tu que amas o singello yiver do homem bom,
 Que pensas : - Ao ruido do seculo prefiro
 A paz da consciencia, primeiro e melhor dom !

Tu da honra e da virtude cultor silencioso ;
 De Deus temente servo ; do homem, brando irmão ;
 Da patria, a cujo nome palpitas amoroso,
 Bom filho que sua imagem revêz no coração !

Tu, sim, tu que o teu merito occulto em véus de pejo
 Não deixas livres aos olhos brilhar da multidão ;
 Esp'rito de amplas azas modesto em teu adejo,
 E, flôr de muito aroma, mais simples coração !

Tu, docc amigo, a aureola recebe que já a gloria
 Buscando-te risonha, na fronte vem te pôr
 Não van, não de luz frouxa corôa transitoria,
 Porém laurel que dura, perpetuo resplendor !



CANTIGA.

N'y crois pas !

V. Hugo.

Menina formosa,
Que encetas a vida
Na quadra florida
Em que ri-se o amor,
Não sabes, ingenua,
Que o amor ri-se e chora?
São flores agora,
Depois será a dor.

Não cuides que a nuvem
 Que passa anilada
 E d'ouro bordada,
 Será sempre assim :
 O céu, bella incauta,
 Tambem se anuvia,
 E a nuvem que ria
 Negreja por fim.

O amor tem dous rostos :
 E' bello o primeiro,
 Risonho e sagueiro,
 E rosto que attrahe ;
 Porém o segundo,
 Ninguem queira vê-lo !
 Se o crês bom e bello,
 Que engano ahi vae !

Primeiro os extremos,
 Os risos, as festas,
 Mil dons, a que prestas
 Tua candida fé ;
 Depois as suspeitas,
 Mais logo o ciume,
 E emfim o azedume
 De quem trahido é.

Porisso, ó formosa,
Que encetas a vida
Na quadra florida
Em que ri-se o amor,
Previno-te, ingenua,
Que o amor ri-se e chora !
São flores n'um' hora,
N'outr' hora é a dôr.

ROSAURA.

Descuida-te, Rosaura,
Do teu amante Alonzo !
Já dizem que por Laura
De amor elle anda zonzo,
Rosaura !

Conheces essa Laura ?
Roubou já d'Anna o amante ;
Se rouba o teu, Rosaura !
Ah !sê bem vigilante
Com Laura !

E's linda sim, Rosaura,
E Alonzo, sci, te adora ;
Mas artes taes tem Laura,
Que Alonzo a qualquer hora,
Rosaura ...

— Alonzo ama então Laura ?
Cruel ! traidor ! perjuro !
Que fôra de Rosaura,
Se o irmão não tem seguro
De Laura !

MARCIA.

Nos lindos olhos
De Marcia bella
Paz os meus olhos,
Morri por ella,
Morri de amor,
De amor, de amor!

Pedi-lhe um riso,
Deu-me a donzella,
Meu Deus, que riso!
Morri por ella,
Morri de amor,
De amor, de amor!

Tinha uma rosa
 No seio a bella,
 Deu-me essa rosa,
 Morri por ella,
 Morri de amor,
 De amor, de amor !

Mas sobre os olhos
 De Marcia bella
 Eis outros olhos !
 Que tem com ella ?
 Pedem-lhe amor,
 Amor, amor !

Pedem-lhe um riso,
 Eis a donzella
 Dá-lhes o riso,
 No riso della
 Que vae ? Amor,
 Amor; amor !

Então á rosa
 Que deu-me a bella,
 Disse eu : O' rosa,
 Volta á mão della,
 Rosa de amor,
 De amor, de amor !

Volta, que os olhos
De Marcia bella
Jamais meus olhos
Verão sobre ella,
Rosa de amor,
De amor, de amor !

Volta, que o riso
Dessa donzella
E' falso riso
Nos labios della,
Rosa de amor,
De amor, de amor !

Sim, volta, ó rosa,
Dize a essa bella
Que guarde a rosa
Do seio della,
Rosa de amor,
De amor, de amor !

SOFRIMENTO.

Rebus angustis animosus atque
Fortis appare.

HORAT.

Vejo que a sorte com seus duros golpes
Quer de minha alma exp'rimentar a tempera,
Mas como o ferro que resiste ao malho
Assim minha alma contra a sorte pugna !

Se fosse lei de todo inamolgavel
Essa que ás vezes nos arrasta os passos,
Máu grado nosso, ou sem pensarmos mesmo,
Por vias onde entrar jamais quizéramos,
Então sim, mais que louco fôra aquelle
Que, embora sobre abordo de um abysmo

— Golphião de trevas ou de fogo ardente —
 Meios de salvação inda buscasse
 No apavorado espirito !
 Força lhe era morrer, vítima triste
 Desse incognito algoz inexoravel.

Mas eu qu'isso a que os homens chamão sorte,
 Fortuna, sina, ou fado,
 Nada mais julgo que uma força movele,
 Variavel com o tempo,
 Que se hoje irresistivel nos impelle,
 Amanhã já talvez um pouco cede
 Ao nosso esforço, nem nos prende tanto
 Dentro de ferreo circ'lo o passo, e deixa-nos
 Mais livres caminhar ; depois mais branda,
 Inda mais branda cada vez se torna,
 Até que lá n'um ponto, ou perto ou longe,
 Mediante um querer e obrar constante,
 Poderemos de todo a nosso grado
 Avassala-la ; quando por si mesma
 D'imiga que nos é, se não converta,
 Dos dias no correr ou de improviso,
 Em bemfazejo guia,
 Que das sendas d'espinhos nos transportes
 Para floridas sendas, onde a vida
 Feliz nos corra ... eu que por sorte ou fado
 Entendo uma tal força quando á borda
 Daquelle abysmo sem querer me achasse,
 Embora de pavor tremesse o espirito,
 Não succumbira ainda !

Às azas da esperança me apegára ;
 Que talvez, antes do momento horrivel
 Em que houvesse o abysmo de tragar-me,
 Ideia salvadora resulgira-me
 Na mente, que do p'rido nas torturas
 E' que aprende a ser próvida.
 Ou esse mesino braço que iuimigo
 Para alli me arrastrou, talvez a tempo
 Viera aiuda, já comigo em pazes,
 Dalli arrebatar-me.
 Ou, se ao proprio valor de nma alma energica,
 Persistente em luctar contra os revezes,
 Nem á mão da fortuna variavel,
 Que ora fere, ora balsamos derrama
 Sobre as chagas que abrirá, eu não devesse,
 Antes que ao fundo me attrahisse o abysmo,
 O ver-me a salvo delle ;
 Talvez a ti, ó Providencia, ó taboa
 De extrema salvação, ultimo apego
 Do misero mortal entre os horrores
 Dos naufragios da vida,
 Talvez a ti esse favor devéra !

Porisso, quando a sorte com seus golpes
 Vem de minha alma pôr em prova a tempera,
 Bem como o ferro que resiste ao malho,
 Minha alma, em ti ao menos confiando,
 Contra a sorte reducta, e soffre, e espera !

ÍNDICE

	<i>Pag.</i>
1 A Esperança	7
2 Hymno da mocidade	10
3 A Rosa e o Beijaflor	20
4 Ante a Serra dos Orgãos	25
5 A Esmola, (<i>no album da Exma. Sra. D. Carlota I; da C. Dias</i>)	26
6 A Abelha e a Borboleta, (<i>imitado do francez</i>)	41
7 O Poeta	45
8 Ave! (<i>A' Poesia</i>)	46
9 Sonhos de amior	49
10 O Sabiá	51
11 As duas flores, <i>no album da Exma. Sra. D. Amália G. d'O. Coutinho</i>	52
12 O sol de amanhã.	55
13 Grinalda de moça	60
14 Bello amor	61
15 Carolina	64
16 A Cigana e o Boiaideiro.	66
17 Cançoneta, (<i>Imitação</i>).	72
18 Cabellos soltos	75
19 A sorte da flor.	77
20 Mazepa, (<i>V. Hugo — Orientaes</i>)	79
21 Cançao — <i>Ennamorei-me dos teus lindos olhos</i>	85
22 Versos, <i>no album da Exma. Sra. D. Ermelinda Ju-lietta Dantas</i>	87
23 No Album (<i>de uma nobre senhora</i>).	90
24 A Louquinha.	95
25 Versos (<i>traduzidos de V. Hugo, e offerecidos á Exma. Sra. D. A. C. P. F.</i>)	94
26 Presente de flores.	96
27 O Amor (<i>Traduzido de V. Hugo</i>).	98
28 Donec gratus. (<i>Dialogo entre Horacio e Lydia</i>).	100
29 A Cobrinha	102
30 Lagrimas de Napoleão (<i>Flor</i>)	104
31 A Criança (<i>Trad. de V. Hugo</i>)	107
32 Hymno (<i>ao 7 de Setembro</i>).	111
33 A' Poesia. (<i>De M.^{mo} D. Valmore</i>)	114

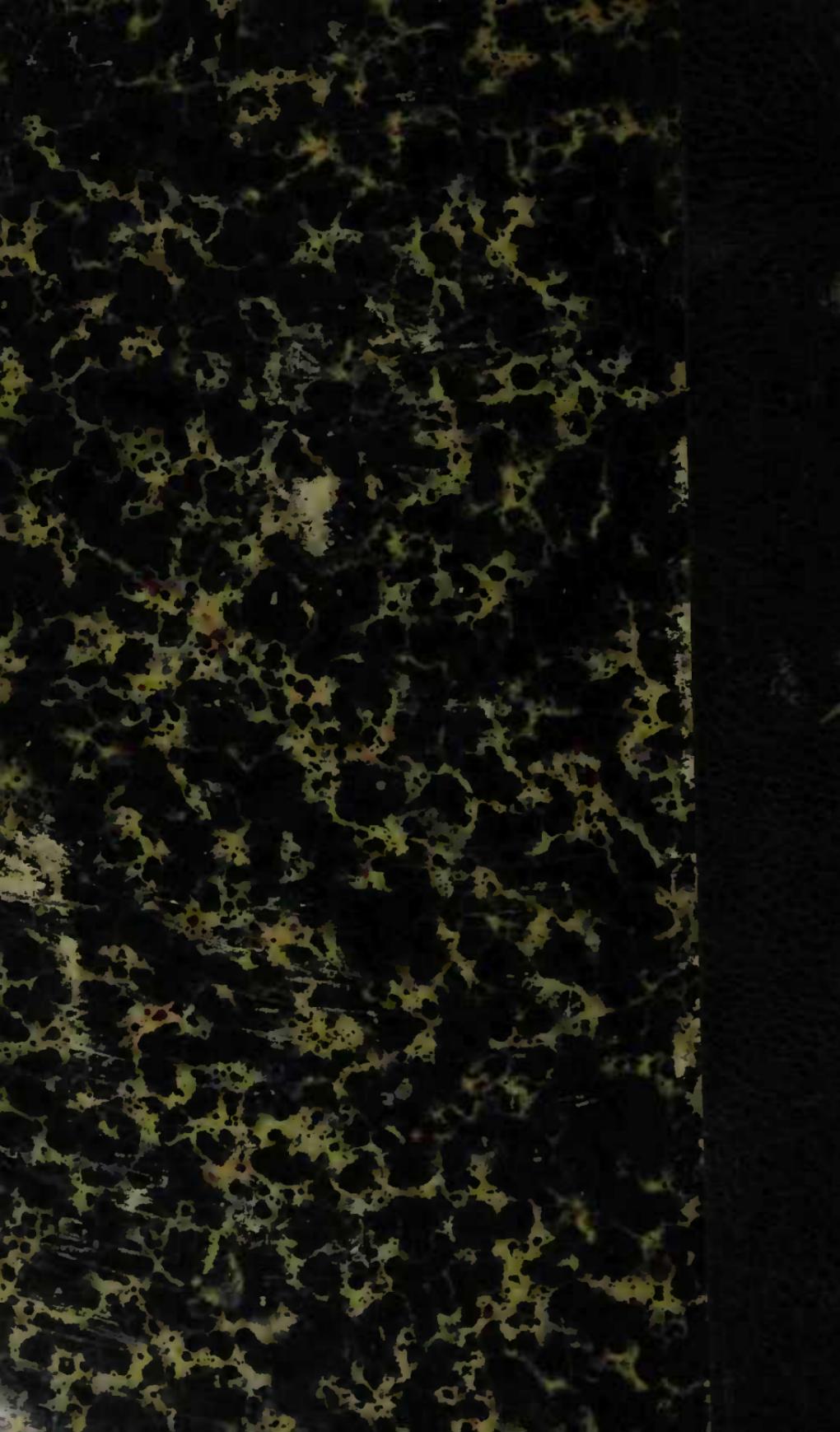
54	Aos annos de um menino, (<i>offerecido à sua extre- mosa mãe a Exma. Sra. D. Felisberta A. da S. Valdetaro</i>)	Pag.	116
55	A Lagrima. (<i>Lord Byron</i>)		118
56	As Pombas. (<i>Th. Gautier</i>)		125
57	A Bella Ingenua.		124
58	Romance Mourisco (<i>V. Hugo — Orientaes</i>)		127
59	A Rosa e a Brisa (<i>no album da Exma. Sra. D. Fe- lisberta B. da R. Brito</i>).		134
40	Mae !		137
41	Arroubo		141
42	Hymno á Estrella da tarde (<i>Imitação</i>)		144
43	Lagrima furtiva (<i>Versão livre</i>)		147
44	Cantico		150
45	A Joven Castellã. (<i>De M.^{me} D. Valmore</i>)		154
46	O Sino da Tardé. (<i>Idem</i>)		156
47	A Flor mürcha.		158
48	Paliuodia (<i>de Horacio</i>)		160
49	Prazeres da vida.		162
50	O Véu da Lua		164
51	Amor constante.		166
52	Canção (<i>Paraphrase de V. Hugo</i>)		170
53	A. M. de S. G.		172
54	Versos, (<i>traduzidos de V. Hugo, e offerecidos a...</i>)		177
55	A partida do Hospede. (<i>Imitado do grego moderno— L. Halevy</i>)		180
56	Magia de olhos (<i>versos traduzidos de V. Hugo</i>)		183
57	A Noiva do Marinheiro. (<i>De M.^{me} D. Valmore</i>)		186
58	A Peregrina. (<i>Idem</i>)		189
59	Fineza.		191
60	O Véu. (<i>V. Hugo — Orientaes</i>)		192
61	Meu Anjo !		195
62	Canção (<i>Victor Hugo</i>)		197
63	A Solidão.		199
64	Ode (<i>de Horacio</i>)		204
65	Estancias (<i>n'um album</i>)		206
66	As Sympathicas		208
67	Despedida		212
68	Saudade (<i>Flor</i>)		214
69	Canção (<i>Porque hei de andar illudido ?</i>)		216
70	Miliciana		220
71	Amor trahido		225
72	As Lagrimas (<i>no album da Exma. Sra. D. Maria Constança B. C. de Sá</i>)		229
73	A gloria do homem de bem. (<i>Ao Sr. Dr. Francisco Crispiniano Valdetaro</i>)		254
74	Cantiga		257
75	Rosaura		240
76	Marcia		242
77	Soffrimento		245

ERRATAS.

PAG.	ERROS.	EMENDAS.
11	Ser livre, irmãos, não creia se etc.,	não creia-se
50	Doze annos teria, ou mais	ao mais
68	Em quanto a mente, além dos céus etc,	dos céus,
77	formusura	formosura
88	Dessa em que olhar se enibebe	o olhar
97	esprémen	exprimem
110	E aos meus inimigos mesmo	imigos
,	desenfreião	desenfreião
112	Ergue-se	ergueu-se
117	Deus por a tua fronte etc.,	por sobre a tua etc.
120	Véstasia	extasia
122	careçe	carece
127	Bodrigo	Rodrigo
128	Ve-la-lhe	Vela-lhe
129	enermic	inerme
135	Aos bons toda a hora é igual	toda hora
143	De sob teus dedos etc.,	De sob os teus,
152	empregua-sé	impregna-se
171	indezivel	indizivel
,	E' alma um suspiro etc.,	E' alma etc
174	No seio da nuvem bella	de nuvem
190	Da-lhe então vosso pranto etc.,	Dae-lhe
192	Minha feições	Minhas
194	Sanguinea cór etc., no accaso	no occaso
204	displacente	displacente
,	carroça	coroça
205	varrerão	varreráō
,	correira	carreira
209	Um mysterioso condão,	Mysterioso condão,
,	Dênde os olhos	Dênde que os olhos
,	Orar tudo	Ora, tudo

PAG.	ERROS.	EMENDAS.
210	anda formusura.	anda formosura.
»	Formusura em	Formosura em
»	Lavraes dizendo-a-as,	Lavraes, dizendo-as
217	responde : A ti.	responde-me : A ti.
219	de amante;	do amante..
221	Brios, força,	Brios, forças,
224	eu soia	eu soia
	deslumbrando.	deslembmando ,
227	preciosa, exhausto ;	preciosa exhausto ;
»	tragar-me déste	tragar me déste
234	privado e recolhido	privado e recolhido,
»	perceptor	preceptor
235	emcomio	eucomiô
236	singello	singelo
»	revêz	revês
»	livres	livre
258	annuvia,	annuvia ,
244	De amor, de amor ! (ultima linha)	De amor traidor !
245	abordo	a borda
246	transportes	transporte
»	florida sendas,	floridas sendas,
247	reducta,	relucta,





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).